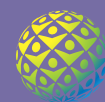




**INSTITUTO
FEDERAL**
Catarinense

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CAMPUS CAMBORIÚ



EJA INTEGRADA - EPT
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Curso de qualificação profissional [livro eletrônico] : formação continuada para professores da Educação de Jovens e Adultos. -- Palhoça, SC : Rocha Soluções Gráficas, 2021. PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-87264-66-0

1. Educação 2. Educação - Finalidades e objetivos
3. Educação de Jovens e Adultos 4. Educação profissional 5. Professores - Formação.

-93530

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação de jovens e adultos : Formação de professores : Educação 370.71

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Reitora

Sônia Regina de Souza Fernandes

Pró-Reitora de Ensino

Josefa Surek de Souza

Diretora Geral do Campus

Sirlei de Fátima Albino

Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão do Campus

Maria Olandina Machado

Coordenadora da Formação Continuada para Professores da Educação de Jovens e Adultos

Rosicler Gonçalves Schiavini

Vice-coordenadora da Formação Continuada para Professores da Educação de Jovens e Adultos

Letícia Lenzi

Docentes responsáveis pela elaboração do caderno pedagógico

Andressa Grazielle Brandt - Campus Camboriú

Casemiro José Mota - Campus Araquari

Cláudia Fátima Kuiawinski - Campus Videira

Emerson Bianchini Estivaleta - Campus Rio do Sul

Fabio Alves dos Santos Dias - Campus Camboriú

Greici Gubert - Campus Rio do Sul

Hernandez Vivan Eichenberger - Campus São Francisco do Sul

Jane Suzete Valter - Campus Videira

Letícia Lenzi - Campus Camboriú

Lucyene Lopes da Silva - Campus Sombrio

Mauro Bittencourt dos Santos - Campus São Francisco do Sul

Moacir Gubert Tavares - Campus Rio do Sul

Patrícia Castellen - Campus Santa Rosa do Sul

Paula Andrea Grawieski Civiero - Campus Rio do Sul

Ricardo Scopel Velho - Campus Rio do Sul

Rosicler Gonçalves Schiavini - Campus Araquari

Suzana Maria Pozzer da Silveira - Campus Santa Rosa do Sul

Willan Flagner de Oliveira Ferreira - Campus Luzerna

Revisão

Djessika Lentz Ribeiro

Heyder Lentz Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação

Camila Dequech de Oliveira

Capa

Letícia Beatriz Folster



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO CURSO	4
RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO	6
OBJETIVOS	7
PERFIL DO EGRESSO	8
APRESENTAÇÃO DOS MÓDULOS	9
MÓDULO 1	
Desenvolvimento histórico da educação de jovens e adultos no Brasil	10
MÓDULO 2	
Fundamentos políticos-pedagógicos da educação de jovens e adultos (EJA)	21
MÓDULO 3	
Os sujeitos e as especificidades da educação de jovens e adultos (EJA)	32
MÓDULO 4	
Formação docente para educação de jovens e adultos (EJA)	49
MÓDULO 5	
Currículo e práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos integrada à educação profissional e tecnológica (EJA-EPT)	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83

APRESENTAÇÃO DO CURSO

Prezado(a) cursista,

Apresentamos a proposta do **Curso de Qualificação Profissional - Formação Continuada para Professores da Educação de Jovens e Adultos**, na modalidade à distância, com carga horária de 100h, oferecido pelo Instituto Federal Catarinense - IFC, em parceria com as redes municipais e estaduais de Ensino do Estado de Santa Catarina.



A partir da pactuação entre essas redes, além desse curso para professores, ofertaremos a Educação de Jovens e Adultos articulada à Educação Profissional e Tecnológica (EJA - EPT), em que a formação geral, de nível fundamental ou médio, será ofertada pela instituição parceira, enquanto a formação profissional será de responsabilidade do IFC.

Nesse contexto, reflexões acerca do papel do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tornam-se parte essencial do processo, para que se possa ter uma compreensão ampla e aprofundada de toda a dinâmica histórica, política, social e pedagógica que compreende a EJA e a EJA-EPT. Dessa forma, a oferta de um curso de formação continuada para professores de EJA vem ao encontro de uma das prerrogativas presentes na Resolução n. 44/2020 do Consuper, que trata das diretrizes da EJA para o Instituto Federal Catarinense, onde se lê:

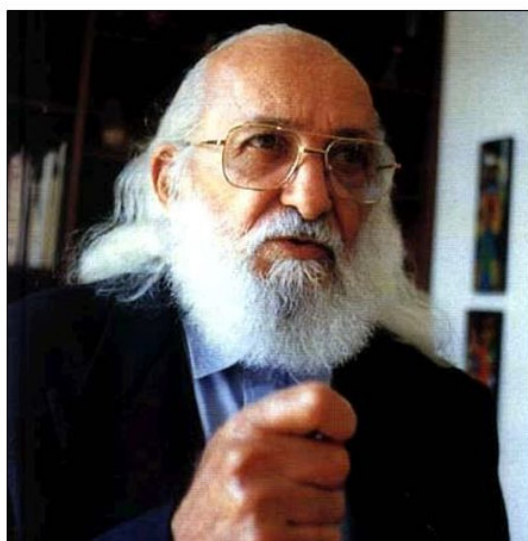
Art. 9º A formação pedagógica dos docentes e técnicos administrativos atuantes nos cursos da EJA deve propiciar o engajamento, o aperfeiçoamento e o reconhecimento dos profissionais que atuam com jovens e adultos e criar condições para a produção dos saberes nesta área.

Ademais, este curso é importante para somar esforços na concretização das finalidades e funções específicas da EJA, presentes nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos* (Parecer CNE/CEB n. 11/2000), quais sejam, a função reparadora, aquela que deve restaurar o direito de uma escola de qualidade; a



função equalizadora, aquela que visa restabelecer a trajetória escolar dos sujeitos; e, por fim, a qualificadora, que deve propiciar a atualização e aquisição de novos conhecimentos.

Prezamos dizer que serão proporcionados momentos de reflexão sobre a prática docente durante o curso, trazendo um olhar para os sujeitos sociais, professor-sujeito e estudante-sujeito. Essas reflexões estão embasadas na pedagogia de Paulo Freire e no discurso de Miguel Arroyo, em que as diversas leituras sugeridas abarcarão o ser docente e o ser discente da EJA, para que, no decorrer das discussões, nos conscientizemos ainda mais que não basta dizer, é preciso fazer.



“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

Paulo Freire

Fonte: <https://images.app.goo.gl/ouMmHpvnsiyZNwYX8>



RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO

MÓDULO 1 - DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

Emerson Bianchini Estivaleta - IFC Rio do Sul - Doutor em Educação

Moacir Gubert Tavares - IFC Rio do Sul - Doutor em Educação

Patricia Castellen - IFC Santa Rosa do Sul - Doutora em Ciências - Bioquímica

MÓDULO 2 - FUNDAMENTOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DA EJA

Fabio Alves dos Santos Dias - IFC Camboriú - Doutor em Sociologia

Hernandez Vivian Eichenberger - IFC São Francisco do Sul - Doutor em Filosofia

Letícia Lenzi - IFC Camboriú - Doutora em Educação Científica e Tecnológica

Ricardo Scopel Velho - IFC Rio do Sul - Doutor em Educação

MÓDULO 3 - OS SUJEITOS E AS ESPECIFICIDADES DA EJA

Jane Suzete Valter - IFC Videira - Mestre em Educação

Mauro Bittencourt dos Santos - IFC São Francisco do Sul - Mestre em Linguística

Suzana Maria Pozzer da Silveira - IFC Santa Rosa do Sul - Doutora em Sociologia Política

MÓDULO 4 - FORMAÇÃO DOCENTE PARA EJA

Cláudia Fátima Kuiawinski - IFC Videira - Mestre em Educação

Greici Gubert - IFC Rio do Sul - Doutora em Física

Paula Andrea Grawieski Civiero - IFC Rio do Sul - Pós-doutorado e Doutorado em Educação Científica e Tecnológica (UFSC)

Rosicler Gonçalves Schiavini - IFC Araquari - Mestre em Educação

MÓDULO 5 - CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA-EPT

Andressa Grazielle Brandt - IFC Campus Camboriú - Doutora em Educação

Greici Gubert - IFC Rio do Sul - Doutora em Física

Lucyene Lopes da Silva - IFC Sombrio - Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento

Willan Flagner de Oliveira Ferreira - IFC Luzerna - Especialista em Psicopedagogia e Educação Inclusiva



OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Compreender a Educação de Jovens e Adultos em sua ampla dinâmica histórica, social, política e cultural, contemplando a diversidade dos sujeitos e as suas relações com o mundo do trabalho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender a trajetória histórica da EJA no Brasil, com ênfase nas conquistas, nos desafios e nos avanços necessários para a garantia do acesso, da permanência e do êxito dos estudantes jovens e adultos na conclusão da educação básica enquanto direito fundamental.

Refletir sobre os princípios políticos e pedagógicos que orientam a Educação de Jovens e Adultos, bem como a sua integração com a educação profissional e a articulação com o mundo do trabalho no século XXI.

Reconhecer as especificidades e características dos sujeitos da EJA como caminho para a busca de soluções a partir da valorização da diversidade, da experiência e dos saberes que marcam a trajetória de vida e a identidade do aprendiz jovem e adulto.

Refletir sobre a atuação do professor na consolidação dos objetivos políticos e pedagógicos da EJA e na formação de cidadãos críticos, reflexivos e contributivos para a sociedade.

Refletir sobre o currículo e as práticas pedagógicas na EJA-EPT, enquanto caminhos e proposições para a humanização dos sujeitos e para a construção da cidadania.

PERFIL DO EGRESSO

A partir de uma visão ampla da trajetória da EJA e da EJA-EPT no Brasil, o egresso deverá compreender a importância dessa modalidade para a construção da cidadania do educando, sendo capaz de desnaturalizar os estereótipos e preconceitos em relação ao estudante jovem e adulto que retorna à escola. Trata-se de entender o sujeito da EJA a partir da negação histórica da sua humanidade, como um ser menos capaz, e desenvolver práticas pedagógicas que valorizem suas identidades, seus saberes e fazeres.

Nesse sentido, o egresso deverá ser capaz de entender a relação da educação com o mundo do trabalho e com a lógica do modo de produção capitalista, intrinsecamente excludente e desigual. Em face desse contexto, também deve compreender que a educação, em si, não é capaz de resolver as contradições da sociedade regida pelo capital, mas possui um papel imprescindível para a apreensão do legado cultural da humanidade em seu mais alto nível, de forma a possibilitar a ampliação da consciência crítica e reflexiva dos sujeitos, bem como a atuação política e contributiva na sociedade.

Ademais, o egresso deverá relacionar a EJA com a Educação Profissional e Tecnológica, entendendo-a como um aporte fundamental para a formação integral ou omnilateral, dentro de uma perspectiva de indissociabilidade entre teoria e prática, entre trabalho manual e trabalho intelectual. Por fim, o egresso também será capaz de avaliar como a EJA-EPT pode contribuir para o desenvolvimento de inovações sociotécnicas com vistas à justiça social e ambiental. Com base em todo esse suporte teórico, o egresso terá subsídios para refletir sobre o ser docente na EJA, assim como a respeito das práticas pedagógicas e as estratégias para o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes jovens e adultos.





APRESENTAÇÃO DOS MÓDULOS

O curso *Formação Continuada para Professores da EJA* será ofertado integralmente no formato de educação a distância (EaD), disponibilizado na plataforma Moodle do IFC, com previsão de ao menos um encontro presencial. O curso foi estruturado em cinco módulos, sendo que cada um deles possui um tema de estudo e uma carga horária específica, totalizando 100 horas. Na tabela apresentada a seguir é possível verificar a matriz curricular do curso, com os respectivos temas e carga horária.

MATRIZ CURRICULAR

	Módulos	Carga horária
1	Desenvolvimento histórico da EJA no Brasil	15h
2	Fundamentos político-pedagógicos da EJA	20h
3	Os sujeitos e a especificidade da EJA	20h
4	Formação docente para EJA	20h
5	Currículo e Práticas Pedagógicas na EJA-EPT	25h
Carga horária total		100h

A seguir, apresentaremos o material pedagógico de cada módulo. Você encontrará as informações disponibilizadas no Moodle, com alguns textos, *links* para acessar artigos, *podcasts*, videoaulas gravadas pelos docentes, vídeos da plataforma *YouTube*, entre muitos outros materiais complementares de estudo. Organizamos este material com muito carinho para facilitar o seu percurso formativo, professor-estudante! Desejamos um ótimo curso!



MÓDULO 01



DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL



Ementa: Origem da EJA na história da educação brasileira. Marcos legais da EJA. EJA e a Educação Popular. EJA na atualidade.

Seja bem-vindo(a), cursista!

Iniciaremos o curso assistindo a uma roda de conversa com docentes pesquisadores na área de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Os convidados são: Leôncio Soares (Faculdade de Educação da UFMG); Maria Clara Di Pierro (Faculdade de Educação da USP) e Jane Paiva (Faculdade de Educação da UERJ).



O debate de ideias envolvendo temas do cotidiano escolar, sob a perspectiva pedagógica da Educação de Jovens e Adultos, é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, idealizada pela Magistra, Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores do Estado de Minas Gerais.

Ao problematizar e discutir as relações de interdependência entre passado e presente, esse rico material tem como propósito produzir reflexões e ampliar nossa compreensão sobre o tema.

Quando nos dedicamos a analisar aspectos marcados pela sua historicidade, torna-se possível identificar os obstáculos e as interdições de acesso à escolarização regular que existiam no passado e que chegaram ao presente, gerando grandes desafios para que seja possível atender a diversidade de situações e pessoas que recorrem a esta modalidade de ensino como caminho para melhorar a sua condição de vida e trabalho.



Sendo assim, convidamos você para assistir à roda de conversa, obedecendo a sequência dos três *links* abaixo. Ao assistir cada um dos vídeos, procure refletir sobre as abordagens apontadas a seguir, problematizando-as no sentido de compreendê-las como desafios a serem superados. Mas antes, gostaríamos que atentasse para os seguintes pontos:

1.a) Ainda que o grupo de pessoas que busca a EJA seja marcado pela diversidade, há como identificar dois grandes grupos.

1.b) O direito à educação para todos é algo recente, previsto na Constituição de 1988. Reflita sobre esse direito social conquistado tardiamente e suas implicações em relação à tradição da cultura patriarcal.

1.c) Os tensionamentos que ocorrem entre a cultura reprodutivista e a lei que busca transformações sociais.



Roda de conversa parte 01:

<https://www.youtube.com/watch?v=aECS7PB0HoA> (19min.)

2.a) Estudantes que por diferentes motivos não atendem ao modelo tradicional de educação e são encaminhados para a EJA.

2.b) Os desafios diante do modelo tradicional da escola regular que contamina a organização da EJA e novamente produz exclusão.

2.c) A EJA como um "bico" para o professor e como um "remendo" para o estudante.

2.d) A necessidade de espaços de acolhimento em três turnos.



Roda de conversa parte 02:

<https://www.youtube.com/watch?v=WEoV7Zt5i60> (18min.)



3.a) A necessidade de docentes vinculados efetivamente à proposta da EJA, comprometidos também com a formação em serviço, contemplando a profissionalização neste viés de educação.

3.b) A necessidade de políticas de Estado para EJA.

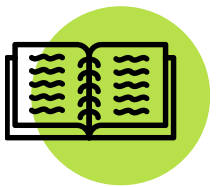
3.c) A importância da EJA articulada com a educação profissionalizante.



Roda de conversa parte 03:

<https://www.youtube.com/watch?v=OEilTS8kXX4> (17min.)

Feitas as reflexões propostas na roda de conversa, a ideia agora é ampliar tais compreensões por meio da leitura de um texto acadêmico intitulado *As interfaces da educação popular e EJA: exigências de formação para a prática com esses grupos sociais*, disponível no link:



<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/7334/5300>

O texto problematiza o costume de culpabilizar a vítima e nos instiga a pensar sobre os efeitos negativos da educação dual que opera mais na lógica do controle social do que para libertar o pensamento das amarras da tradição ainda muito ancorada nos moldes do Iluminismo.

Em contrapartida, o artigo propõe o compromisso com a inclusão do estudante, de maneira dialógica ao processo de ensino e aprendizagem, constituindo-se em um movimento de aproximação entre o que se pretende ensinar e o que o sujeito vive. Para isso, sugere alguns desafios implicados com a necessidade de superação da hierarquização de saberes como caminho para a produção de sentidos e significados na vida dos sujeitos.

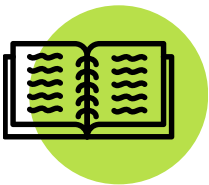
A **avaliação** desta seção será composta por **três questões reflexivas**, apresentadas ao final do módulo.



MARCOS LEGAIS DA EJA

Neste tópico, veremos que a legislação educacional que trata da EJA no Brasil é anterior à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 9.394/96 e até mesmo à Constituição Federal de 1988. A partir de uma perspectiva histórica, são apresentados os principais marcos legais da EJA, bem como os elementos que os caracterizam.

Na área da plataforma Moodle reservada ao Módulo 1, você poderá acessar o texto elaborado pelo professor Moacir Gubert Tavares, que condensa os conhecimentos considerados relevantes para o desenvolvimento deste tópico, bem como algumas sugestões de leituras que poderão ser úteis, caso você queira aprofundar seus estudos.



Link de acesso ao texto:

https://drive.google.com/file/d/1LonL6_DcUuoxAuc7ecteURvhf4ao-tqEk/view?usp=sharing

Após ler o texto, você poderá assistir ao vídeo da professora Dra. Maria Clara Di Pierro (selecione o trecho 5:25-13:00) sobre os marcos legais da EJA no Brasil. Vale a pena ressaltar que, na sua fala, a autora deixa claro que se há problemas a serem enfrentados no contexto da EJA, certamente isso não se deve à falta de marcos legais que balizam esta modalidade de ensino.



Link de acesso ao vídeo no YouTube:

<https://www.youtube.com/watch?v=GlnRNnLgGDA>



EJA NA ATUALIDADE

A seguir, convidamos você a observar alguns aspectos atuais da Educação de Jovens e Adultos. Sugerimos que, primeiramente, assista à entrevista com o coordenador geral da EJA no Ministério da Educação. Durante a entrevista, preste atenção às seguintes informações:

1. Qual é o perfil atual dos estudantes?
2. Quais etapas de ensino são oferecidas pela EJA? Qual é a duração de cada um?
3. Quais modalidades são atualmente oferecidas?

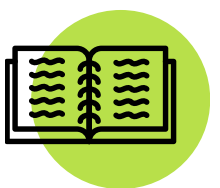


A entrevista pode ser acessada através do seguinte *link*:
https://www.youtube.com/watch?v=LOVhA5w_SZc (12 min)

Após assistir ao vídeo, você pode analisar alguns dados atuais relativos à educação no estado de Santa Catarina e no Brasil. Para isso, leia o Plano Estadual de Educação de SC - Decênio 2015 a 2024, das páginas 48 à 53, disponível em: https://drive.google.com/file/d/1GUknUTVHFSodOuVdjVegniURj_1XMfDI/view

Durante a leitura, procure observar as tendências nas taxas de analfabetismo e escolaridade média por faixa etária, por zona de localização e por renda familiar *per capita*. Além disso, verifique a evolução do número de matrículas na EJA no período de 2007 a 2013. Tendo em mente o que você aprendeu no Módulo 1 até o momento, aproveite para refletir se a EJA está desempenhando o papel que lhe compete em termos sociais.

Continuando o módulo 1, sugerimos que você leia a reportagem *Desafios da EJA para incluir quem a escola abandonou*, disponível na plataforma Moodle. Ao ler o texto, verifique principalmente o que as pesquisadoras entrevistadas dizem sobre os dados atuais do perfil dos estudantes e a respeito das causas e consequências de sua migração para a EJA. Reflita sobre essa migração no contexto pós-pandemia, uma vez que, durante esse período, foram relatadas altas taxas de evasão escolar.



O texto da reportagem pode ser acessado a partir do seguinte *link*:
<https://educacaointegral.org.br/reportagens/os-desafios-da-eja-para-incluir-quem-a-escola-abandonou/>



SÍNTESE DO MÓDULO



Quanto aos tópicos que se referem à origem da EJA e sua relação com a Educação Popular, refletimos sobre as interdições históricas que não reconheciam o acesso à educação como um direito de todos. Assim sendo, a EJA tem como propósito gerar oportunidades de transformação, com base no estímulo ao protagonismo do sujeito. Para isso, é importante reconhecermos a necessidade de sólida formação dos docentes e de espaços adequados para que se possa alcançar os objetivos desta modalidade de ensino. No tópico sobre os marcos legais da EJA, vimos que nas décadas seguintes à promulgação da Constituição Federal de 1988 e à LDB n. 9.394/96, a EJA passou a contar com a contribuição de diversas resoluções e pareceres emanados do Conselho Nacional de Educação. Além disso, o compromisso da sociedade brasileira com esta modalidade de ensino fica evidente com a inclusão de metas diretamente voltadas à EJA no Plano Nacional de Educação, aprovado e sancionado no ano de 2014. Concluímos o módulo analisando os dados estatísticos dos últimos levantamentos sobre o público da EJA em SC e no Brasil. A análise desses dados permite a reflexão acerca das desigualdades sociais e econômicas do Brasil, manifestadas nas taxas atuais de analfabetismo e escolaridade média e sobre o papel desempenhado pela EJA no contexto educacional e social atual. Também tivemos a oportunidade de observar, em termos populacionais, o resultado da efetivação da legislação brasileira que trata da EJA e das metas de educação.



AValiação

Por favor, responda às questões abaixo com textos de no mínimo 20 linhas, que devem ser entregues em um formulário próprio, disponível entre os materiais do Módulo 1, no Moodle.



QUESTÃO 1

Com base nos vídeos e principalmente no texto de Oliveira (2010), escreva sobre o entendimento por parte dos autores de que a formação dos professores precisa ser continuada, nunca linear e sempre em rede, a qual deve incorporar, inclusive, a formação inicial.

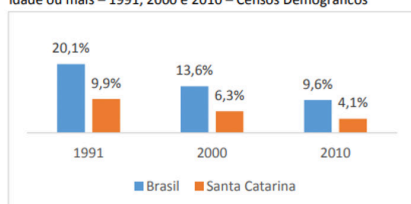
QUESTÃO 2

A promulgação da Constituição Federal de 1988, bem como a legislação educacional que se tornou vigente nas décadas seguintes, refletem, em grande medida, as transformações políticas e sociais que demarcaram a transição de um regime ditatorial para uma sociedade pautada pela democracia. Escolha pelo menos duas mudanças nos marcos legais da EJA que possam evidenciar o alinhamento da legislação educacional brasileira ao novo momento histórico. Em seguida, comente brevemente sobre essas duas mudanças.

QUESTÃO 3

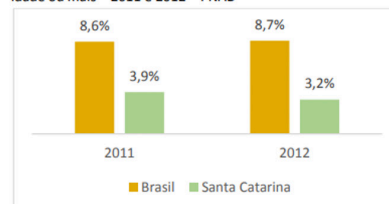
Com base no que você aprendeu sobre políticas públicas para EJA, escolha dois dentre os quatro gráficos retirados do PEE 2015-2024, os quais contém resultados de levantamentos estatísticos sobre o público da EJA (Fonte: Observatório do PNE/Todos Pela Educação/IBGE/PNAD). Comparando com o que você conheceu sobre a legislação relativa à EJA, descreva brevemente se as tendências observadas nesses gráficos refletem os resultados esperados pelos legisladores.

Gráfico 54 – Taxa de analfabetismo da população de 15 anos de idade ou mais – 1991, 2000 e 2010 – Censos Demográficos



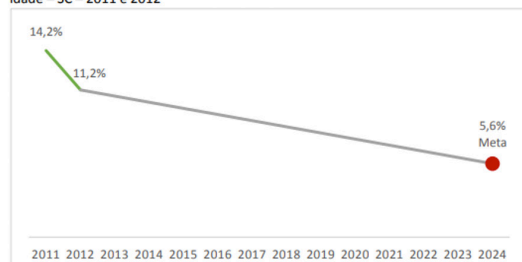
Fonte: IBGE/Censos Demográficos

Gráfico 55 – Taxa de analfabetismo da população de 15 anos de idade ou mais – 2011 e 2012 – PNAD



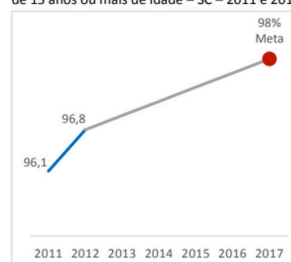
Fonte: IBGE/PNAD

Gráfico 56 – Taxa de analfabetismo funcional da população de 15 anos ou mais de idade – SC – 2011 e 2012



Fonte: Observatório do PNE/Todos Pela Educação/IBGE/PNAD

Gráfico 57 – Taxa de alfabetização da população de 15 anos ou mais de idade – SC – 2011 e 2012



Fonte: IBGE/PNAD

PARA SABER MAIS



HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 108-194, maio/ago., 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos no Brasil pós-Lei n. 9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 82, p. 17-39, 2009. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/13004/5/Artigo%20-%20Maria%20Margarida%20Machado%20-%202009.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 03 nov. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 mar. 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 26 out. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n. 11/2000, de 10 de maio de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Faz referência às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso em: 14 jan. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 1/2000, de 5 de julho de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arqui-vos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2017.



BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 4/2010, de 7 de maio de 2010. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Faz referência a Diretrizes Nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais. Brasília, 2010a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4445-pceb004-10&category_slug=abril-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26 out. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 2/2010, de 19 de maio de 2010. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais. Brasília, 2010b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5142-rceb002-10&Itemid=30192. Acesso em: 26 out. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 3/2010, de 15 de junho de 2010. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Brasília, 2010c. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5642-rceb003-10&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26 out. 2017.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 26 out. 2017.

ESTADO DE SANTA CATARINA, Lei nº 16.794, de 14 de dezembro de 2015. Aprova o Plano Estadual de Educação (PEE) para o decênio 2015 - 2024 e estabelece outras providências. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1GUknUTVHFSodOuDjVegniURj_1XMfDI/view Acesso em 06 mai. 2021.

GASPAR, Alberto. O ensino informal de ciências: de sua viabilidade e interação com o ensino formal à concepção de um centro de ciências. Cad. Cat. Ens. Fís., Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 157-163, ago. 1992. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/cc8csn>. Acesso em: 22 set. 2018.

MATUOKA, Ingrid. Os desafios da EJA para incluir quem a escola abandonou. Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/os-desafios-da-e-ja-para-incluir-quem-a-escola-abandonou/> Acesso em: 06 mai. 2021.

PAIVA, Jane; SOARES, Leôncio; PIERRO, Maria Clara Di. Roda de conversa - Desafios da Educação de Jovens e Adultos 1/3. *YouTube*, 31/04/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aECS7PB0HoA> Acesso em 03 mai. 2021.



PAIVA, Jane; SOARES, Leôncio; PIERRO, Maria Clara Di. Roda de conversa - Desafios da Educação de Jovens e Adultos 2/3. *YouTube*, 31/04/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WEoV7Zt5i60> Acesso em 03 mai. 2021.

PAIVA, Jane; SOARES, Leôncio; PIERRO, Maria Clara Di. Roda de conversa - Desafios da Educação de Jovens e Adultos 3/3. *YouTube*, 31/04/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OEiITS8kXX4> Acesso em 03 mai. 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. As Interfaces educação popular e EJA: exigências de formação para a prática com esses grupos sociais. *Educação, Porto Alegre*: v. 33, n.2, p. 104 - 110, 2010.

RAMOS, Elenita Eliete de Lima; BREZINSKI, Maria Alice Sens. *Legislação Educacional: Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA*. Florianópolis: IFSC, 2014.

REIS, Lilian; CHAGAS, Luciano. EJA - Educação de jovens e adultos. *YouTube*, 16/07/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LOVhA5w_SZc Acesso em 06 mai. 2021.

VIEIRA, Maria Clarisse. *Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.



MÓDULO 02



FUNDAMENTOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)



Ementa: Capital, Trabalho, Educação. A relação humanidade-natureza e a questão ambiental. Educação, Cidadania e Emancipação Humana. Princípios e funções sociais da EJA. EJA e a Educação Profissional.

Caro cursista, seja bem-vindo(a)!

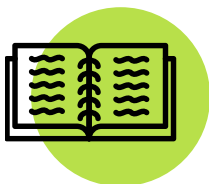
Nesta seção do curso de formação de professores, vamos refletir sobre os fundamentos político-pedagógicos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da EJA integrada à Educação Profissional e Tecnológica, a chamada EJA-EPT.

Em nossa primeira videoaula, apresentaremos a ementa, os objetivos e as reflexões propostas neste módulo, bem como uma contextualização dos princípios e das funções sociais da EJA e da EJA-EPT. Boa aula!



Link da videoaula: <https://youtu.be/XKTak95nlQs>

No texto abaixo, você encontrará um resumo dos princípios e das funções da EJA e da EJA-EPT, tal como foram explanados na videoaula. Aproveite esta leitura para refletir sobre os conceitos apresentados.



Após a leitura, convidamos você a interagir, deixando sua contribuição ao questionamento postado no fórum do Moodle. Boa leitura!



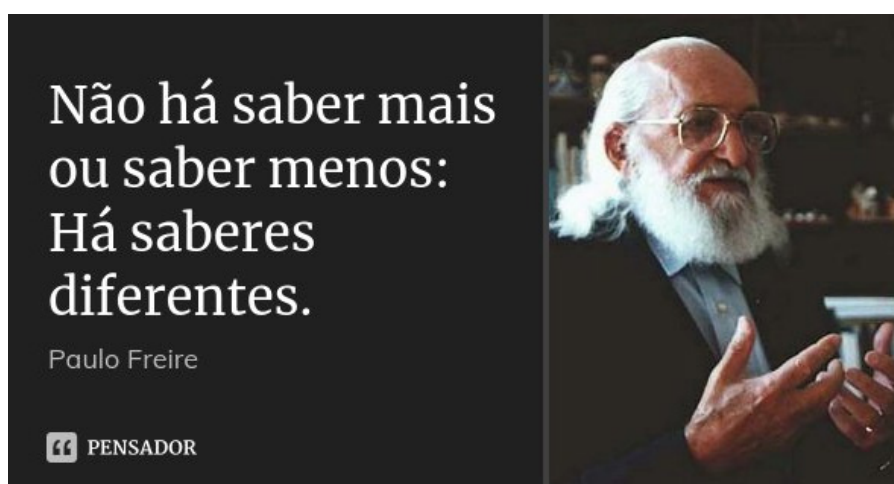
PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O documento *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*, com o objetivo de garantir um modelo pedagógico diferenciado, que atenda às especificidades dessa modalidade de ensino, estabelece como princípios da EJA a equidade, a diferença e a proporcionalidade. Vamos conhecê-los.

Princípio da equidade: diz respeito à distribuição específica dos componentes curriculares da EJA nos diferentes níveis de ensino (fundamental e médio), a fim de propiciar um patamar igualitário de formação. Tal distribuição é realizada por meio da oferta das mesmas disciplinas curriculares da Educação Básica, garantindo, dessa forma, que os educandos da EJA tenham acesso aos mesmos conhecimentos que os demais estudantes.

Princípio da diferença: pressupõe a identificação e o reconhecimento da alteridade própria dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, proporcionando a valorização da sua individualidade e de seus conhecimentos prévios. Na prática, isso significa que os conhecimentos científicos devem ser ensinados considerando-se as variadas formas de aprender, por meio de diversas metodologias, que, por sua vez, deverão estar adequadas às diferentes faixas etárias dos jovens, adultos e idosos.

Princípio da proporcionalidade: pressupõe o desenvolvimento de espaços e tempos adequados, nos quais as práticas pedagógicas assegurem uma formação comum em relação a todos os participantes da escolarização básica. Assim, a flexibilização do currículo da EJA deve assegurar o cumprimento mínimo da carga horária estabelecida para a duração dos cursos e, ao mesmo tempo, possibilitar que os educandos possam conciliar os estudos com a dinâmica própria de suas vidas, com o mundo do trabalho e com as responsabilidades familiares, garantindo atenção especial aos tempos e espaços onde a escolarização se dará.



Fonte: <https://www.pensador.com/frase/NTUxMzMx/>



FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Outro documento que traz os fundamentos conceituais da EJA é o Parecer n. 11/2000 CNE/CEB, que apresenta as três funções básicas da EJA: reparadora, equalizadora e qualificadora. Vejamos com maiores detalhes o que cada uma dessas funções significa.

Função reparadora: garante o acesso à Educação Básica a todos os brasileiros adultos, jovens e idosos excluídos dos processos de escolarização e, na maioria das vezes, precocemente inseridos no mundo do trabalho. Sobre esta função, o Parecer n. 11/2000 CNE/CEB aponta que:

(...) **a função reparadora da EJA**, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela **restauração de um direito negado**: o direito a uma escola de qualidade, mas também o **reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano**. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante (BRASIL, 2000. p. 07, *grifos nossos*).

Função equalizadora: oferecer aos jovens, adultos e idosos, que interromperam o processo formal de educação pelas mais variadas razões, os conhecimentos necessários para possibilitar novas inserções no mundo do trabalho e participação na vida e dinâmica social.

(...) **A equidade** é a forma pela qual se distribuem os bens sociais de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade, consideradas as situações específicas. (...) por esta função, o indivíduo que teve sustada sua formação, qualquer tenha sido a razão, busca restabelecer sua trajetória escolar de modo **a readquirir a oportunidade de um ponto igualitário no jogo conflitual da sociedade** (BRASIL, 2000. p. 10, *grifos nossos*).

Função qualificadora: de acordo com o Parecer n. 11/2000 CNE/CEB, esta é a função permanente e que dá sentido maior à EJA. É a tarefa de propiciar a atualização de conhecimentos por toda a vida do educando. Tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e adequação pode sempre se atualizar. É um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade.

PRINCÍPIOS POLÍTICOS DA EJA-EPT

Neste texto, apresentaremos alguns princípios políticos que regem a modalidade da EJA-EPT, a saber, o trabalho como princípio educativo, a educação tecnológica e a educação



omnilateral.

Trabalho como Princípio Educativo: a compreensão de que o trabalho é uma atividade essencialmente humana determina o caráter do currículo escolar em razão da vida social de forma direta e indireta, ou seja, educa-se para o mundo do trabalho indiretamente quando, no ensino fundamental, aprende-se a ler, escrever e realizar as operações matemáticas básicas. No entanto, faz-se necessário também, em certa idade, a articulação ou vinculação direta e explícita entre instrução, ensino e trabalho produtivo, entre conhecimento teórico e atividade prática. A bandeira política do trabalho enquanto princípio educativo indica que esta vinculação entre educação e produção não pode ensejar uma educação unilateral, preocupada apenas com a formação de mão de obra para o mercado de trabalho e a transmissão dos valores que naturalizam o atual modo de produção por meio de um ensino monotécnico, alienante, de cunho profissionalizante, pragmático, voltado aos interesses do mercado. Essa foi a tese endossada por Dermeval Saviani em referência ao pensador italiano Antonio Gramsci, ao propor uma escola “mercadologicamente desinteressada”, voltada antes à criatividade, à autonomia dos sujeitos e às variadas dimensões humanas, ou seja, à formação do “homem integral” ou “omnilateral”.

Educação Omnilateral: em oposição à concepção instrumental e interessada da educação escolar capitalista, educadores preocupados com a classe trabalhadora defendem uma educação voltada para a formação de homens completos, que trabalham “não só com as mãos, mas com o cérebro, e que consciente do processo que desenvolve, domina-o e não é por ele dominado” (MANACORDA, 1991, p. 95). Concebem, em contrapartida, a educação omnilateral, voltada para o desenvolvimento das múltiplas dimensões do homem, que ao romper com a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual possibilitaria o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, uma vez que seu conteúdo e método fundamentam-se na união entre ciência, trabalho e educação tecnológica (BARBOSA, 2019).

Educação Tecnológica: Concepção educacional marxiana que visa uma formação não direcionada exclusivamente ao conhecimento de múltiplas técnicas, mas a uma formação científica e tecnológica crítica dos princípios gerais subjacentes à produção, ao lado de uma sólida formação intelectual e corporal, isto é, uma educação que desenvolve o homem em suas múltiplas potencialidades. Em suma, a educação tecnológica deve, portanto, possibilitar a elevação cultural e intelectual da classe trabalhadora, para que ela possa adquirir os instrumentos intelectuais necessários para exercer a dirigência de uma sociedade.

Para ilustrar os conceitos apresentados, reproduzimos aqui um trecho da conclusão do artigo de Carlos Soares Barbosa (2019, p. 76).



Conceber a EJA na perspectiva da formação humana incide pensar para além de uma educação conformadora, embora saibamos que a alienação ocorrida no/pelo trabalho capitalista não acabará apenas com a realização de mudanças no processo educativo. Todavia, como afirma Ciavatta (2005, p. 102), 'se a educação é incapaz de mudar a sociedade desigual em que vivemos, ela é um recurso relevante a compreensão dos fundamentos da desigualdade e para a geração de uma nova institucionalidade no país'.

Neste sentido, a sujeição econômica de jovens e adultos trabalhadores não pode significar a expressão de sua incapacidade de construção de uma sociedade para além da exploração capitalista. Ou seja, o retorno aos bancos escolares deve propiciar o domínio de saberes qualificadores para uma intervenção social mais consciente e mais autônoma. Uma formação que promova a integração entre a preparação para o mundo do trabalho e a constituição de um sujeito político interventor, capaz de aglutinar conhecimentos que o possibilitem ler a realidade social e política e definir-se por um dos projetos de classe em disputa (...).

Defendemos aqui a necessidade de fortalecer as práticas político-pedagógicas da EJA no diálogo com Paulo Freire, Antonio Gramsci e demais autores da contemporaneidade que nos encorajam na luta cotidiana por uma educação pública, gratuita, universal, laica e de qualidade, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Uma educação que tenha por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, tal como expressa o Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

TRABALHO, CAPITAL E EDUCAÇÃO

Nesta segunda etapa do Módulo 2, estudaremos a relação entre educação, trabalho e capital, com base em uma leitura marxiana e ontológica calcada na obra de Mészáros. Veremos que no modo de produção capitalista - quando a atividade que fundamenta a existência efetiva de todos os seres humanos (o trabalho) atinge o ápice de sua alienação - a educação formal, enquanto forma de educação pautada pela lógica do capital, não pode cumprir outra função social senão reproduzir um tipo de indivíduo adaptado a uma sociabilidade fundada na autoalienação do ser social. Diante disso, veremos como Mészáros, ao fazer uso da dialética marxiana, reivindica uma educação "para além do capital", ou seja, uma educação que seja um momento para a formação de um novo ser humano que possa contribuir para a construção de uma sociedade livre de todas as formas de alienação.

A seguir, apresentamos uma videoaula em que se resume as ideias centrais de Mészáros sobre a temática proposta. Além disso, é importante que você dedique-se à leitura do trecho do livro *A educação para além do capital* (páginas 59-65) para que você possa ter



contato direto com o pensamento do autor. Por fim, segue um vídeo de Ricardo Antunes, no qual o pesquisador resume o significado de alienação na obra de Marx. Após a conclusão do vídeo, convidamos você a interagir, deixando sua contribuição ao questionamento postado no fórum do Moodle.



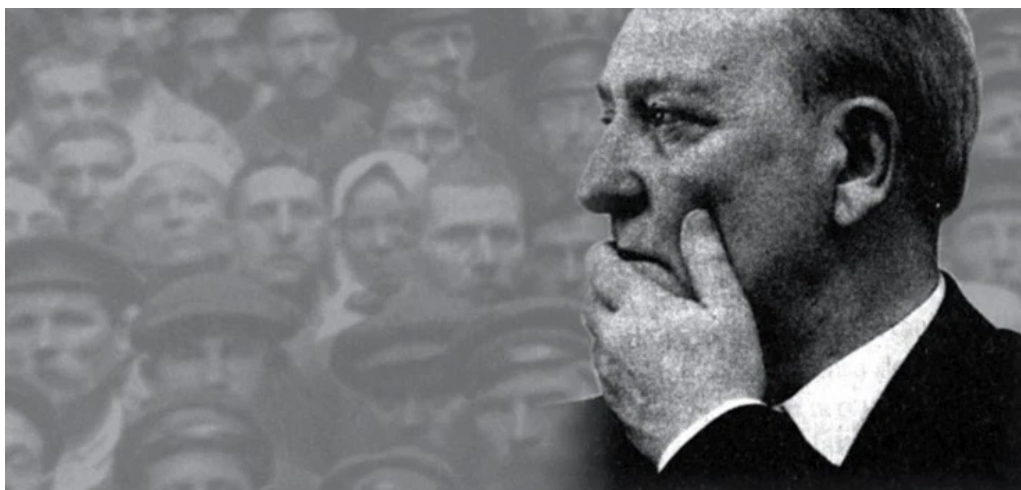
Link da videoaula: <https://youtu.be/sgYIWhqDkVo/>



Link do texto de Mészáros (pg 59-65): A Educação para além do Capital
<http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/a-educacao-para-alem-do-capital-istvan-meszaros.pdf>



Vídeo de Ricardo Antunes: https://youtu.be/VR4kD_9kY4M



Fonte: <https://praxisteoria.wordpress.com/2017/10/17/istvan-meszaros-um-classico-do-seculo-xxi/>

“...é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”

István Mészáros

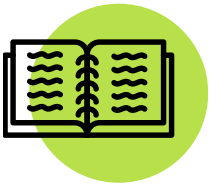


EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA

Caro cursista,

É bom saber que você se dispôs a aprender mais sobre a educação de jovens e adultos. A atividade de ensino e aprendizagem é carregada de sentidos e contradições, pois ela é diretamente vinculada à produção da existência material dos seres humanos. Só os humanos trabalham, ensinam, conseguem refletir sobre suas práticas sociais e desenvolver a transformação consciente do mundo.

Assim, neste momento, apresentamos uma reflexão sobre a relação entre educação escolar, cidadania e emancipação humana. Para isso, sugerimos inicialmente a leitura da resenha elaborada por Susana Jimenez sobre o livro do professor e pesquisador Ivo Tonet, *Educação, cidadania e emancipação humana*.



Link do texto de Susana Jimenez: Resenha do texto Educação, cidadania e emancipação humana, de Ivo Tonet. <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwidJeGnrXwAhWIK7kGHXZbAMsQFjAAegQIAxAD&url=https%3A%2F%2Fwww.redalyc.org%2Fpdf%2F873%2F87313705016.pdf&usg=AOvVaw10TD661MUEHfbbSNiMpFAS>

Após esta leitura, para problematizar alguns elementos recorrentes na formação de professores, sugerimos que você escute um episódio do *Sociocast*, um *podcast* apresentado pelo professor Ricardo Velho. No episódio sugerido, é realizada uma reflexão sobre o papel da educação para a humanização e a passagem da atividade de trabalho em atividades de pensamento sob a determinação das relações de produção existentes em cada época histórica. No mesmo episódio é apresentada uma breve contextualização do conceito de cidadania e os motivos pelos quais ele está vinculado ao período de ascensão do liberalismo político e, portanto, da constituição do mundo burguês, em contraposição à época medieval, na qual a igreja dava todas as cartas na esfera da educação escolar. Por fim, no *podcast* você poderá refletir sobre o conceito de emancipação, tão caro ao debate crítico na educação. *Link* para ouvir o episódio:



Link para o *podcast* *Cidadania: eu preciso de uma para educar?* Episódio do Sociocast. <https://anchor.fm/ricardo-velho/episodes/Episdio-10---Trabalho--educacao-e-emancipao-es330m/a-a4sf0a>



Para finalizar, sugerimos que assista à animação *Alike*, na qual é proposta uma reflexão artística sobre a relação entre os objetivos da educação escolar, do trabalho assalariado e a possibilidade de emancipação humana. Não esqueça de interagir com os professores, deixando sua contribuição ao questionamento postado no fórum do Moodle.

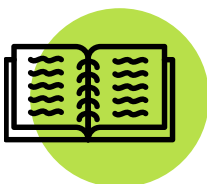


Vídeo: Reflexões sobre o sistema de educação e trabalho. <https://www.youtube.com/watch?v=K4Foovfdb-E>.

A RELAÇÃO HUMANIDADE-NATUREZA E A QUESTÃO AMBIENTAL

Para concluir os estudos do Módulo 2, trataremos da questão ambiental, entendida como um conjunto de condicionantes naturais que permitem a existência da humanidade enquanto tal, o que envolve desde os recursos hídricos, as terras e florestas, chegando aos biomas e ao ar. Contudo, tratar da questão ambiental de maneira desvinculada à forma social que lhe confere conteúdo é algo sem sentido: a água, para além de uma substância cuja estrutura molecular pode ser reduzida a uma fórmula química, é um recurso *social*, isto é, está envolta em relações sociais específicas. O mesmo pode ser dito da terra: qual é a propriedade da terra? Comunal? Privada? E do ar? As empresas podem *pagar* para ter o direito de poluir o ar? Isso simplesmente muda tudo.

Nesse sentido, será esta a nossa abordagem. Iniciamos com a leitura do texto indicado abaixo, que tratará dos temas ambientais precisamente a partir da perspectiva social que lhes proporciona objetividade. Após a leitura do texto, sugerimos que assistam a videoaula gravada pelo professor [Hernandez Vivan Eichenberger](#), o qual discute os temas trazidos no texto de Michael Löwy. Por fim, indicamos que assista à exposição em vídeo da professora Virgínia Fontes, na qual ela examina as consequências do capitalismo na extração desmedida de recursos ambientais, bem como do impacto de um pensamento crítico sobre as práticas de relação homem e natureza. Seguem os *links*.



Link do texto de Michael Löwy: *Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista*.

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/dZvstrPz9ncnrSQtYdsHb7D/?lang=pt#>



Link da videoaula do professor Hernandez Vivan Eichenberger: <https://youtu.be/iZsLA0-6iyo>



Link do vídeo da professora Virgínia Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=qBGvo3felYc>



SÍNTESE DO MÓDULO

Nesta seção, refletimos inicialmente sobre os princípios e as funções sociais da Educação de Jovens e Adultos e da EJA-EPT. Logo após, vimos a necessidade de compreender a educação em relação ao mundo do trabalho que, nas sociedades capitalistas, assume uma forma contraditória. Ao mesmo tempo que é condição ontológica da natureza do ser humano, também é condição de desumanização, alienação e degradação humana. Afastando-se de uma visão fatalista, fomos levados a entender os alcances e limites da educação para favorecer o exercício da cidadania e para construir e para construir a emancipação humana. Por fim, no bojo da crítica ao modo de produção capitalista, refletimos sobre a relação humanidade-natureza, a crise ambiental decorrente da mercantilização da vida e as possibilidades que surgem para a superação do atual modo de vida, capaz de levar à aniquilação de nossa própria espécie.



AVALIAÇÃO

Nesta seção, levantamos muitas reflexões interessantes e agora queremos saber qual tema lhe gerou mais inquietação. Assim, para concluir esta etapa do curso, solicitamos que você escreva um texto, de 15 a 30 linhas, com a sua posição política a respeito de algum tema discutido ao longo deste módulo e sua relação com a EJA. Além do texto, esperamos que você possa realizar ao menos uma intervenção no fórum de discussões. Agradecemos muito a sua participação!

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Carlos Soares. A “escola unitária” de Gramsci: princípios para pensar a EJA na perspectiva da formação humana. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. 1, p. 63-76, jan./mar., 2019.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer 11/2000. Brasília. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação.(9394/96) Brasília,1996

JIMENEZ, Susana V. Resenha do texto Educação, cidadania e emancipação humana, de Ivo Tonet. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 609-613, maio/ago. 2007.

LOWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecosocialista. *Cad. CRH* [online]. 2013, vol.26, n.67, pp.79-86;

MANACORDA, M. A. Marx e a pedagogia moderna. São Paulo: Cortez, 1991.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2008, pp. 59-65.

TONET, Ivo. Educação, Cidadania e Emancipação Humana. Disponível em ivotonet.xp3.biz/arquivos/EDUCACAO_CIDADANIA_E_EMANCIPACAO_HUMANA.pdf.

TUMOLO, Paulo S. [Trabalho, educação e perspectiva histórica da classe trabalhadora: continuando o debate](#). *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2011, vol.16, n.47, pp.443-481. ISSN 1413-2478.



MÓDULO 03



OS SUJEITOS E AS ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)



Ementa: Quem são os sujeitos da EJA? Os sujeitos e as especificidades da EJA. Características do aprendiz na EJA: valorização dos saberes e fazeres. Histórias e trajetórias de jovens e adultos em busca da escolarização.

(...) “uma ‘educação’ para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. Todo o empenho do autor se fixou na busca desse homem-sujeito que, necessariamente, implicaria em uma sociedade também sujeito” (FREIRE, 1965).

Seja bem-vindo(a),

Nesta etapa do curso de formação de professores, vamos refletir sobre os sujeitos e as especificidades da EJA, tendo por fio condutor as reflexões de Miguel Arroyo e Paulo Freire.

Inicialmente, faremos uma contextualização e problematização a respeito dos sujeitos da EJA. Posteriormente, aprofundaremos a análise dos desafios identitários, com ênfase na questão de gênero. Na sequência, discutiremos sobre o olhar escolarizado e o desafio da juvenilização na EJA. Por fim, retomaremos alguns pontos apresentados nas seções anteriores, enfatizando a importância da reafirmação de identidades afirmativas da educação, dos educandos-educadores da EJA.





CONTEXTUALIZAÇÃO: SUJEITOS DA EJA

Iniciaremos este primeiro momento assistindo a uma palestra do professor Miguel Arroyo, na qual ele procura responder à seguinte questão: que educação, para quais jovens e adultos vindos de passagens humanas e inumanas?

Arroyo alerta que estamos em tempos de pandemia, causada por um vírus que mata, mas, sobretudo, estamos em tempos de pandemias inumanas e políticas. Por essa razão, o professor nos questiona: a partir de que trajetórias humanas e inumanas chegam esses jovens e adultos às nossas escolas, em tempos de pandemias viróticas, mas também políticas?

Além disso, Miguel Arroyo procura responder às seguintes questões:

1. Quem são esses jovens e adultos?

2. Quem são os docentes, educadores e gestores da Educação de Jovens e Adultos?

Segundo o autor, devemos dar centralidade ao olhar sobre os sujeitos, pois é comum pensarmos em tudo (horários, grade curricular, espaços, etc.), mas muito pouco sobre os sujeitos que chegam à EJA. Será que vemos esses sujeitos?

Para Miguel Arroyo, o que se observa é que o domínio do conteúdo e do conhecimento são considerados mais importantes do que saber quem são os sujeitos, se negros, mulheres, ricos, pobres, idosos ou analfabetos. O autor faz uma comparação com um médico, alertando que não basta que este profissional domine qual receita indicar, pois precisa, antes de tudo, fazer o diagnóstico, ou seja, identificar com que sujeitos ele está trabalhando. Caso trabalhe com crianças, terá a identidade de pediatra; se seus pacientes são idosos, sua identidade será a de geriatra. Portanto, o autor enfatiza que as identidades dos docentes educadores teriam que ser construídas a partir dos sujeitos e não a partir do domínio do conhecimento.

Jovens que chegam à EJA, em geral, foram obrigados a fazer percursos humanos irregulares e, em consequência, percursos escolares irregulares. Miguel Arroyo destaca a importância de aprendermos tudo isso com Paulo Freire, pois ao invés de jovens e adultos analfabetos, ele se refere a jovens e adultos oprimidos. Como Paulo Freire vê os oprimidos? Será que os jovens e adultos que chegam em nossas escolas não são os mesmos oprimidos que Paulo Freire falava há sessenta anos?

Mais à frente, o professor Miguel Arroyo continua interpelando: quando as imagens dos nossos educandos se quebram, o que acontece com nossas imagens de educadores?

Segundo o professor Miguel Arroyo, se os educandos estiverem quebrados em suas identidades, chegarão quebrados à EJA. Como este é um processo acumulativo para jovens e

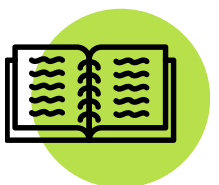


adultos, a EJA sintetiza todos os problemas que os educadores vivenciam, não sendo difícil entender o motivo de facilmente fecharem as escolas, alerta Arroyo.

Face ao exposto, iremos assistir à palestra do professor Miguel Arroyo, conforme descrito na introdução desta seção, assistindo aos primeiros 45 minutos do vídeo intitulado *Que educação, para quais jovens e adultos vindos de passagens humanas e inumanas?*



Link para acesso à palestra do professor Miguel Arroyo: https://www.youtube.com/watch?v=-_tWBKgMukI.



Na sequência, indicamos a leitura do texto intitulado *Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: alunos e alunas da EJA* (Cadernos do MEC, 2006). http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf

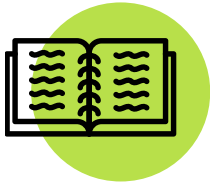
O texto aborda a identidade dos estudantes da EJA e o papel que a escola representa para eles. Tendo por referência a fala dos próprios educandos, a publicação discorre sobre a visão de mundo desses jovens e adultos, as razões para o seu retorno aos estudos e a importância em considerar os seus conhecimentos adquiridos (saber cotidiano, saber sensível).

A procura pela escola para um jovem e adulto é, antes de tudo, um desafio e um projeto de vida. Muitos deles esperam encontrar um modelo tradicional de escola, com aulas expositivas, cópia da lousa, etc. Não raro, demonstram resistência à nova concepção de escola, que os coloca como sujeitos do processo educativo.

No final do texto, são propostas várias questões reflexivas aos educadores da EJA, seguidas por um alerta para o principal desafio da EJA: construir uma escola na qual professores e estudantes encontrem-se como sujeitos, com a tarefa de provocar e produzir conhecimentos.



PARA SABER MAIS



Ler o texto intitulado *O que a escola representa para os jovens e adultos*. (Cadernos do MEC, 2006.

p. 23-47). http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf

Conforme essa referência, a partir da fala dos estudantes da EJA, a escola é apresentada como espaço de sociabilidade, de inserção e transformação social e de construção do conhecimento.

DESAFIOS IDENTITÁRIOS DOS SUJEITOS DA EJA

Essa análise pode ser ilustrada com o vídeo *Vida Maria*. Após uma discussão inicial sobre a problematização dos sujeitos da EJA, trabalharemos, nesta aula, com um texto introdutório (p. 9-22) do livro *Vidas Ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência*, de Miguel Arroyo. O texto fala sobre a precariedade dos itinerários dos sujeitos da EJA e sobre suas imagens quebradas, que obrigam os docentes a serem outros e a se questionarem sobre seu próprio ofício. Quais são essas interrogações? Que mal-estar é vivido pelos educadores nas escolas e na EJA? Que respostas a essas interrogações vêm dos coletivos de educadores? Os questionamentos de Arroyo têm sintonia com o pensamento de Paulo Freire sobre como humanizar oprimidos roubados em suas humanidades. O autor ainda questiona: como as vítimas se veem em corpos precarizados? Como esperam reconhecimento? Arroyo adverte também que na formação dos educadores falta uma pedagogia dos corpos, priorizando uma didática de cultivar “espíritos”.



Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4

Trata-se de um projeto premiado no 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, realizado pelo Governo do Estado do Ceará. Dirigido por Márcio Ramos, o curta conta a história de Maria José, uma menina de cinco anos de idade que é levada a largar os estudos para trabalhar. Enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos e envelhece. Essa sistemática é, posteriormen-



te, passada para a sua filha, que de forma similar, também deixa os estudos para trabalhar. Além das vidas precarizadas, o vídeo aborda a questão de gênero, onde se reproduz o círculo vicioso de pobreza e a reclusão das mulheres à esfera doméstica.

Na sequência, por meio da música *O Meu País*, de Zé Ramalho, podemos constatar as referidas problemáticas, sintetizadas nas questões de classe, gênero e raça no Brasil, entre outras mazelas.



Link da música - <https://www.youtube.com/watch?v=Ol-sS6eJecs>

O MEU PAÍS

Zé Ramalho

Tô vendo tudo, tô vendo tudo
Mas fico calado, faz de conta que sou mudo

Um país que crianças elimina
Que não ouve o clamor dos esquecidos
Onde nunca os humildes são ouvidos
E uma elite sem Deus é quem domina

Que permite um estupro em cada esquina
E a certeza da dúvida infeliz
Onde quem tem razão baixa a cerviz
E massacram-se o negro e a mulher

Pode ser o país de quem quiser
Mas não é com certeza o meu país

Um país onde as leis são descartáveis
Por ausência de códigos corretos
Com quarenta milhões de analfabetos



E maior multidão de miseráveis

Um país onde os homens confiáveis
Não têm voz, não têm vez, nem diretriz
Mas corruptos têm voz e vez e bis
E o respaldo de estímulo incomum

Pode ser o país de qualquer um
Mas não é com certeza o meu país

Um país que perdeu a identidade
Sepultou o idioma português
Aprendeu a falar pornofonês
Aderindo à global vulgaridade

Um país que não tem capacidade
De saber o que pensa e o que diz
Que não pode esconder a cicatriz
De um povo de bem que vive mal

Pode ser o país do carnaval
Mas não é com certeza o meu país

Um país que seus índios discrimina
E as ciências e as artes não respeita
Um país que ainda morre de maleita
Por atraso geral da medicina

Um país onde escola não ensina
E hospital não dispõe de raio-x
Onde a gente dos morros é feliz
Se tem água de chuva e luz do sol

Pode ser o país do futebol



Mas não é com certeza o meu país

Tô vendo tudo, tô vendo tudo
Mas, fico calado, faz de conta que sou mudo

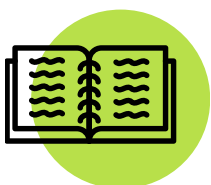
Um país que é doente e não se cura
Quer ficar sempre no terceiro mundo
Que do poço fatal chegou ao fundo
Sem saber emergir da noite escura

Um país que engoliu a compostura
Atendendo a políticos sutis
Que dividem o Brasil em mil Brasis
Pra melhor assaltar de ponta a ponta

Pode ser o país do faz de conta
Mas não é com certeza o meu país

Tô vendo tudo, tô vendo tudo
Mas, fico calado, faz de conta que sou mudo

PARA SABER MAIS



Artigo sobre gênero e educação de jovens e adultos intitulado *A histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder*, disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/917>



Neste trabalho, as autoras procuram demonstrar “a histórica exclusão das mulheres da educação formal cujo argumento era a aptidão natural para a maternidade, ou seja, elas



deveriam ocupar-se de suas funções reprodutivas e ficarem reclusas no espaço privado da família. Estes aspectos repetem-se, de alguma forma, ainda na atualidade, dado que um dos principais motivos das mulheres para o abandono dos estudos na EJA é a responsabilidade com as atividades domésticas e familiares” (NARVAZ; ANNA; TESSELER, 2013).

O OLHAR ESCOLARIZADO: OS DESAFIOS DA JUVENILIZAÇÃO NA EJA

Dando continuidade às discussões sobre a precariedade do itinerário dos sujeitos da EJA, aprofundaremos a reflexão sobre a realidade dos jovens do campo em lutas por “terra-vida”, a partir dos movimentos sociais e da agricultura camponesa, assim como dos jovens e adultos passageiros da noite, em itinerários por vida justa, tendo por base o texto de Miguel Arroyo: *Jovens-adultos em que precário sobreviver*.

Na sequência, por meio do texto do referido autor, intitulado *A escola, lugar de direitos apenas para os ordeiros?* problematizaremos o olhar escolarizado aos estudantes da EJA, que contribui para a estigmatização e exclusão desses sujeitos. Miguel Arroyo expõe o olhar condenatório do sistema judiciário, que classifica jovens pobres e negros como delinquentes.

Para dialogarmos sobre a estética dos corpos precarizados, diversos e na luta por direitos, utilizaremos algumas imagens produzidas pelo fotógrafo Sebastião Salgado, tendo como questão norteadora a relação entre vidas ameaçadas e a natureza ameaçada.



Para iniciarmos essa discussão, assistiremos a um vídeo que contextualiza a vida e obra de Sebastião Salgado (<https://www.youtube.com/watch?v=pDFVo0sn7zQ&t=394s>).



Na sequência, apresentaremos algumas fotos emblemáticas do referido autor para uma reflexão.



Foto: Sebastião Salgado



Retrato, Terra, Ceará - 1983.

Foto: Sebastião Salgado



Os pobres trabalhadores da terra, "Terra" - 1997
Foto: Sebastião Salgado



Campo de refugiados ruandeses em Benako, na Tanzânia, "Gênises"- 1994
Foto: Sebastião Salgado



Trabalhadores nordestinos, "Trabalhadores" - 1993
Foto: Sebastião Salgado



Ala das crianças no campo de refugiados de Korem, Etiópia - 1984
Foto: Sebastião Salgado



Amazônia - 2021
Foto: Sebastião Salgado

PARA SABER MAIS



O texto intitulado *O desafio da juvenilização da Educação de Adultos no Brasil*, de José Rubens Lima de Jardimino e de Regina Magna Bonifácio Araújo, apresenta um fenômeno relativamente recente na EJA, a entrada de jovens que não tiveram êxito na formação regular. Os autores enfatizam a importância de se considerar as realidades socioeconômicas desfavoráveis desses jovens, assim como práticas pedagógicas e formação continuada que valorizem a diversidade geracional.

RECONHECIMENTO DAS IDENTIDADES AFIRMATIVAS NA EJA

Dialogando com o itinerário irregular que foi apresentado nas seções anteriores, refletiremos a partir do texto *Reafirmar identidades afirmativas da educação, dos educandos-educadores*, do professor Miguel Arroyo, que trata sobre as identidades positivas, humanas e resistentes,



em oposição às identidades negativas (sociais, étnicas, raciais, etc.) que persistem em nossa sociedade. Miguel Arroyo nos faz refletir sobre como podemos desconstruir as representações negativas que pesam sobre esses sujeitos, muitas vezes reproduzidas pelo Estado, pela mídia, pela justiça e pela própria escola. O autor destaca ainda a importância de que os docentes-educadores explorem artes, fotografias, músicas e experiências de vida que mostrem imagens positivadas dos sujeitos pobres, negros, excluídos e estigmatizados. É fundamental o reconhecimento desses sujeitos, em suas capacidades e potencialidades, cabendo à escola apontar pistas e respostas aos dilemas desses estudantes. Ou seja, mostrar que eles não estão sozinhos, que esses problemas não estão limitados aos indivíduos, mas que são estruturais, o que implica na valorização dos coletivos, entendidos como os movimentos sociais que lutam por cidadania e reconhecimento.

Com vistas a ampliar as possibilidades de reconstrução desses sujeitos, Paulo Freire propõe a *Carta para alfabetizadores de jovens e adultos*, como uma forma de orientar os educadores a ajudar os estudantes da EJA excluídos da escola. A Carta procura responder a pergunta: como desenvolver um trabalho educacional inteligente e eficaz com um alunado tão heterogêneo, sofrido e, às vezes, desconfiado e desencantado? O primeiro passo é resgatar a confiança desses estudantes, que se sentem burros, incapazes e sem confiança na escola. Depois, despertar a vontade de aprender, criando em todos o desejo de ler e escrever. Para tal, Paulo Freire sugere um diálogo a partir de temas de interesse da classe, buscando aportes em jornais e revistas que respaldam as falas dos estudantes, assim como temas de interesse de todos, tais como: trabalho, emprego, polícia, bandido, mãe e abandono, casa e fome, etc.

O trabalho com texto jornalístico é bom para todos os níveis de ensino, assevera Freire, podendo ser interessante para estudantes que não tem gosto pela leitura. Discussões, problematizações, leitura em voz alta, podem constituir o elemento iniciador/provocador de estudos, projetos e pesquisas, adverte o autor.



Na sequência, assistiremos a um vídeo que consiste no depoimento de Vera Oliveira, conhecida como dona Vera, sobre a importância de retornar aos estudos, no qual demonstra sua alegria contagiante em continuar a aprender e, talvez, poder cursar uma faculdade. Dona Vera destaca ter sido fundamental para este retorno o apoio da família e a oferta de educação às pessoas adultas, com condições acessíveis. <https://www.youtube.com/watch?v=IZXn4k03-Zk>

PARA SABER MAIS



Na parte inicial do livro *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire, intitulado *Esclarecimento*, o autor aborda a importância da educação na emancipação e libertação dos sujeitos oprimidos. Paulo Freire adverte que a sociedade brasileira é uma sociedade “sem povo”, comandada por uma elite alienada, em que o homem simples é minimizado, reduzido à “coisa”. Nesse contexto, a educação das massas é fundamental, constituindo uma força de mudança e libertação. Uma educação para a liberdade, para o homem-sujeito, ao invés de homem-objeto. Todo o empenho do autor se fixou na busca desse homem-sujeito que, necessariamente, implicaria numa sociedade também sujeito, ou seja, descolonizada, capaz de cortar as correntes que a faziam e fazem objetos de outras que lhe são sujeitos.



Depoimentos de estudantes da EJA: trata-se de relatos de vários estudantes sobre o impacto da EJA em suas vidas, desde as mudanças e os desafios, até as novas perspectivas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WqTUsxBE7ac>.



SÍNTESE DO MÓDULO

Para este módulo, sintetizamos como pontos mais expressivos o que ora segue, tendo por palavras-chave as expressões: ser humano-sujeito e sociedade-sujeito. Destacamos, primeiramente, a importância de valorizar os sujeitos da EJA, estudantes e professores, de forma contextualizada, considerando as contradições e os desafios da sociedade brasileira, geradora de desigualdades e estigmas sociais. Conferir centralidade aos sujeitos significa que não basta simplesmente do-



minar o conhecimento, mas saber com quais sujeitos se está trabalhando. No contexto da sociedade brasileira, parece significativo refletir a respeito dos seguintes questionamentos: como humanizar os oprimidos roubados em suas humanidades? Como desnaturalizar estereótipos de incapaz, burro ou baderneiro? Como problematizar a exclusão das mulheres dos espaços de saber e poder? Além disso, é fundamental valorizar as especificidades do percurso dos estudantes da EJA, em diferentes âmbitos, sejam eles trabalhadores rurais, urbanos ou desempregados. Por fim, é importante compreender o processo de juvenilização da EJA, considerando a diversidade geracional e a necessidade de formação continuada para trabalhar melhor com a pluralidade de sujeitos. Em suma, parece fundamental reafirmar as identidades positivas dos educandos, suas capacidades e potencialidades, bem como ter consciência do papel fundamental da educação na emancipação e libertação dos sujeitos oprimidos, pois ao contribuir para o fortalecimento do “homem-sujeito”, também se fortalece uma “sociedade-sujeito”.



AVALIAÇÃO

Tendo por base as temáticas abordadas neste Módulo 3, cada cursista poderá escolher um ou dois temas de maior interesse, para fazer uma reflexão a ser postada em forma de vídeo ou texto dissertativo, tendo por referência a sua realidade ou trabalho com estudantes da EJA. A atividade deverá ser postada no Moodle, a fim de que todos possam ter conhecimento. Sugere-se que colegas e professores façam comentários e sugestões acerca das postagens.



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____, Miguel. Palestra proferida pelo *YouTube*. Abril, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-_tWBKgMukI. Acesso em 04 mai. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: alunos e alunas da EJA. Cadernos do MEC, Brasília, 2006.

CARVALHO, Marlene. Carta para alfabetizadores de jovens e adultos. In: CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. 11. ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2014. p. 123-128.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

JARDILINO, José Rubens Lima; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio. O desafio da juvenilização da Educação de Adultos no Brasil (180 - 189). São Paulo: Cortez, 2014.

NARVAZ, Martha Giudice; SANT'ANNA, Sita Mara Lopes, TESSELER, Fani Averbuh Tesseler. Gênero e educação de jovens e adultos: a histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder. <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/917/905>. UnilaSalle: Diálogo Canoas, n. 23, ago. 2013.

RAMALHO, Zé. O Meu País. BMG. 2000. (5min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ol-sS6eJecs> Acesso em: 04 mai. 2021.

VIDA Maria. Direção de Márcio Ramos. Ceará: VIACG. Governo do Estado. Secretaria da Cultura. 2006.



MÓDULO 04



FORMAÇÃO DOCENTE PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

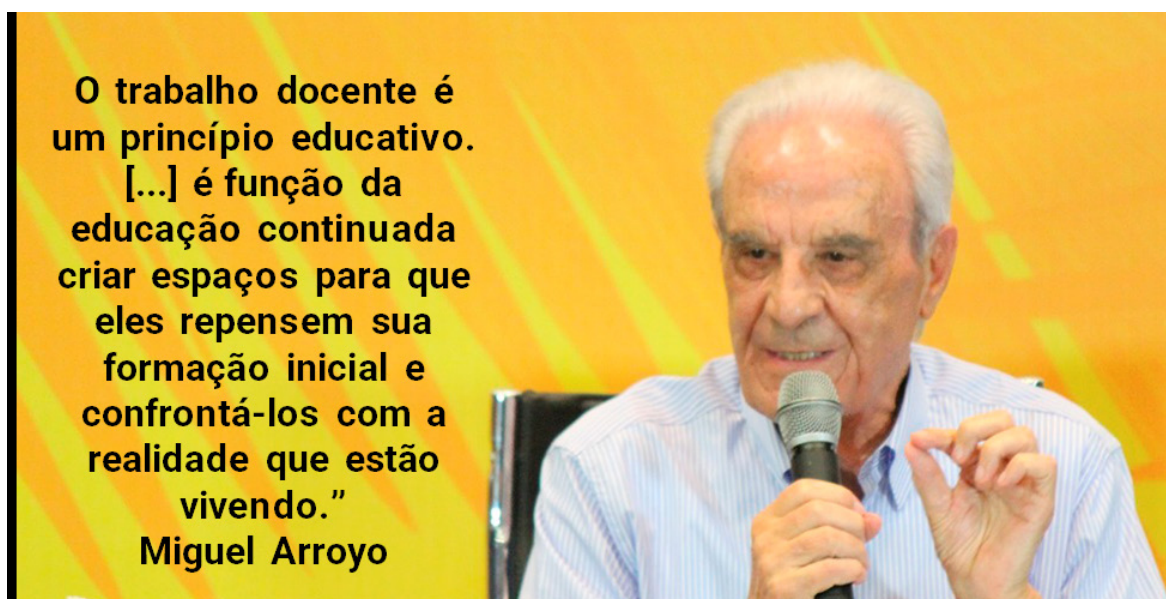
Ementa: O “Ser docente” na EJA. Fundamentos conceituais, metodológicos e políticos para professores de EJA. Estratégias de acesso, permanência e êxito. Formação de professores para EJA: desafios e perspectivas.

Caro cursista, bem-vindo(a) ao Módulo 4!

Neste módulo, você encontra textos, vídeos, *podcast*, fórum, *links* para acesso às aulas síncronas e atividades de produção e avaliação. O módulo está dividido em quatro unidades: na primeira, abordamos aspectos relacionados ao perfil do professor da EJA a fim de provocar reflexões acerca do “ser docente” da EJA. Na segunda, ponderamos sobre o sujeito educador e educando da EJA, assim como o modo como os sujeitos-alunos são percebidos pelos educadores. Na terceira unidade, discorreremos sobre o reconhecimento do sujeito discente da EJA, sob um olhar de condições de acesso, permanência e êxito. E na quarta, proporcionamos uma reflexão acerca das contribuições de Paulo Freire e dos desafios do professor na atualidade.

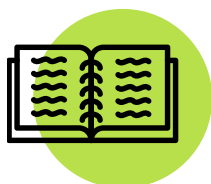
No decorrer deste estudo, temos como intuito provocar reflexões em torno da relevância do papel do professor no processo de ensino e aprendizagem na EJA. Apresentaremos ponderações sobre os diferentes momentos formativos do docente, vivenciados anteriormente e durante o seu percurso na atuação nesta modalidade de ensino, entendendo como um movimento fundamental para a construção de saberes, vivências e reflexões acerca do papel do professor de EJA.





Fonte: <https://www.futura.org.br/miguel-arroyo-quem-e/>

O “SER DOCENTE” NA EJA



Para iniciarmos a reflexão sobre o “ser docente” na EJA, indicamos a leitura do texto *Formar educadoras e educadores de jovens e adultos*, de Miguel Arroyo. O artigo está disponível na plataforma Moodle.

A leitura desse texto tem o objetivo de promover reflexões sobre o perfil do professor para atuar na EJA. Arroyo (2006) apresenta que não se tem um marco definido para a formação do professor da EJA. E isso pode ser um ponto positivo, pois mostra que esse processo ainda não está conformado ao sistema educacional vigente, com políticas públicas fechadas, ou seja, ainda encontra-se em construção.

Assim, é preciso construir um perfil dos educadores da EJA com consciência do momento em que estamos, isto é, que tenha conhecimento da atual situação dessa modalidade de ensino como política pública sendo, por essa razão, responsabilidade e dever do estado. Por isso, é fundamental incorporar a herança acumulada historicamente de um educador militante, múltiplo e multifacetado, para não perder esse caráter.

Ao discutir os impasses sobre que perfil formar, o autor destaca que é preciso reconhecer

a trajetória da EJA e atuar de maneira consciente em relação à realidade vivida pelos jovens e adultos populares trabalhadores. O autor incorpora os termos populares e trabalhadores para distinguir quem são esses jovens e adultos e discutir sobre suas especificidades.

Dependendo do olhar que se tem sobre os educandos, a escola e o currículo, o perfil do educador e suas particularidades serão outras. Assim, é fundamental que esses profissionais conheçam bem quem são os jovens e adultos da EJA, a partir de uma visão sociológica e histórica que permita a construção de uma educação direcionada para estes sujeitos.

Portanto, é fundamental que os educadores tenham uma base teórica sólida e um pensamento pedagógico que vá além do pensamento da infância e da adolescência. O autor destaca que é preciso construir uma matriz pedagógica tendo como referência o trabalho, os movimentos sociais, a cultura, a experiência e a resistência à opressão. Também enfatiza a importância de conhecer a história da construção-negação dos direitos humanos. Todos precisam se apropriar desse conhecimento e, assim, defender a educação como direito básico.

Por fim, defende-se a necessidade de garantir aos educandos o direito aos saberes, bem como a construção de significados a partir das vivências coletivas.



Após a leitura, convidamos você a assistir a uma videoaula, a qual abordará as percepções que o texto provocou. Link: <https://youtu.be/Su5HkawV3Xc>

PARA SABER MAIS

Indicamos a leitura do texto *Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*, de Miguel Arroyo, especialmente entre as páginas 42 e 50, que trata sobre as interrogações que a EJA faz ao sistema escolar. Arroyo afirma que grande parte da história da EJA ocorreu às margens desse sistema, entretanto, sempre foi analisada em comparação com o sistema escolar formal,

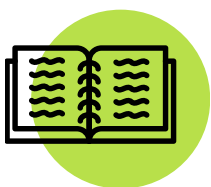




sendo vista como distante do ideal de educação representado por esse modelo. No entanto, para o autor, a EJA avançou na compreensão das diferenças culturais, vivências, formas de opressão e exclusão, enquanto o sistema escolar não chegou a tal evolução.

ARROYO, Miguel G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, Maria A.; GOMES, Nilma L.; SOARES, Leôncio. (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 19-50.

FUNDAMENTOS CONCEITUAIS, METODOLÓGICOS E POLÍTICOS PARA PROFESSORES DE EJA.



Indicamos a leitura do texto *O educador da EJA como sujeito sociocultural*, de Iara Caierão e Rosane Kohl Brustolin. O artigo está disponibilizado na plataforma Moodle.

Nesse texto, as autoras trazem uma reflexão sobre o educador e o educando da EJA enquanto sujeitos que constroem conhecimentos a partir do conhecimento acumulado historicamente pela humanidade. Tanto os educadores como os educandos são sujeitos socioculturais, o que implica em um dos grandes desafios da EJA, que consiste no modo como os sujeitos-alunos são percebidos pelos educadores.

A partir da reflexão provocada por essa leitura, faremos uma articulação com o conteúdo abordado no Módulo 3 (os sujeitos da EJA), trazendo o olhar do educador sobre esses sujeitos-alunos. Assim, convidamos você a interagir em uma aula síncrona em que faremos uma roda de conversa, intitulada *Diálogos sobre a experiência em EJA, formação, dificuldades e desafios em sala de aula*.



Para esta aula, teremos de forma simultânea várias salas na plataforma Meet, cada qual sendo coordenada por uma das professoras do módulo.



ESTRATÉGIAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E ÊXITO



Neste momento, refletiremos sobre as estratégias de acesso, permanência e êxito do estudante da EJA, com o objetivo de destacar a realidade dos jovens e adultos com o intuito de pensar acerca dos meios que podem ser estabelecidos pelos docentes para motivar a permanência e o êxito dos estudantes. Para isso, indicamos o documentário *Fora de série*, que pode ser acessado em: <https://vimeo.com/257750339>

O filme *Fora de Série*, sustentado na concepção de que é indispensável escutar o jovem para que a escola melhore, é produzido a partir de entrevistas com estudantes de ensino médio da EJA, dispositivos reflexivos e filmagens de espaços-tempos de 14 escolas públicas do Rio de Janeiro. O documentário revela trajetórias de escolarização e percursos biográficos de jovens que se encontravam em situação de defasagem escolar à época das filmagens, entre 2015 e 2016.

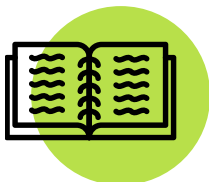
O filme apresenta ainda narrativas de jovens que denunciam um sistema escolar que pouco dialoga com seus desafios, relacionados, por exemplo, com a falta de assistência para o transporte escolar, a conciliação entre estudo e trabalho, o relacionamento com professores desmotivados e as escolas pouco democráticas. No entanto, essas narrativas também dão testemunho de que a escola e muitos professores podem ser porto seguro e suporte para a superação das dificuldades que enfrentam na retomada da escolarização. São jovens que seguem apostando na escola e que persistem na busca por seu direito a ter uma educação pública de qualidade.



Após assistir ao documentário, propomos uma reflexão sobre a realidade apresentada e a realidade que você, professor, enfrenta ao trabalhar com jovens e adultos trabalhadores. Registre suas percepções no fórum deste módulo que está disponibilizado no Moodle.



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EJA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS



Abordaremos o último tópico da ementa deste módulo, *Formação de professores para EJA: desafios e perspectivas*, a partir da leitura do texto *Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente*, de Gisele de Andrade Louvem dos Passos e Marcélia Amorim Cardoso. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/25/reflexes-sobre-a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-a-formao-docente>



Para debater esse assunto, assistiremos a uma videoaula na qual as professoras deste módulo realizaram uma mesa redonda, trazendo reflexões acerca das contribuições de Paulo Freire para a EJA. Link <https://youtu.be/dsiEF6JRgrw>



Para finalizar os estudos previstos neste módulo, principalmente quanto aos desafios e às perspectivas para a formação de professores para EJA, indicamos ouvir um *podcast* intitulado de *O Processo civilizatório e os desafios contemporâneos*.

A escolha desse material vincula-se à compreensão de que nosso papel enquanto educadores é o de provocador de ideias, curiosidades e perguntas. Para tanto, é preciso aguçar as compreensões de mundo, perceber o conteúdo escolar como reflexo da realidade, e não como elementos distintos e, ainda, preocupar-se em intervir na sociedade.

Ao indicar esse *podcast*, temos a intenção de promover reflexões sobre a sociedade contemporânea, seus desafios e limites, mas também de indicar uma perspectiva crítica, que traga para a sala de aula a realidade e que, por meio dela, possam ser discutidas e promovidas formas de apropriação de conhecimentos que auxiliem na compreensão do mundo.

Vale ressaltar que no primeiro artigo estudado neste módulo, Arroyo (2006) destaca que o conhecimento da ciência, da tecnologia, da própria história através da história, do espaço, das artes, da cultura e das identidades sempre foi o meio para melhor entendermos e melhor sermos gente, humanos. O conhecimento sempre esteve a serviço do processo civilizatório e,



quando deixou de estar, ficou a serviço da barbárie, ou seja, o conhecimento pode virar arma de destruição.

Com essa reflexão, nos questionamos sobre o que trazemos de novidade para os educadores da EJA. Quais os desafios a se enfrentar na sociedade contemporânea? Quais conhecimentos são imprescindíveis aos professores da EJA?

Bem, entendemos que quando o conhecimento se articula com um projeto de educação, ele pode ser um poderoso instrumento de intervenção social, mas, para tanto, é preciso refletir sobre o processo civilizatório e as variáveis que determinam a equação civilizatória em curso. Com essa preocupação, trazemos uma discussão sobre as implicações sociais da ciência e da tecnologia na sociedade contemporânea, articuladas com o papel social da educação.



Assim, sugerimos *podcast* *O processo civilizatório e os desafios contemporâneos*, no qual Ricardo Velho, Walter Bazzo e Paula Civiero discutem a premência de mudar de rumo o processo civilizatório. Disponível em <<https://castbox.fm/vb/292628771>>

No primeiro momento, é preciso refletir que hoje, em pleno século XXI, vivenciamos a fusão das tecnologias e a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos que apresentam novas possibilidades e, em igual medida, novos dilemas. Ao observar a escala e o escopo das mudanças tecnocientíficas, bem como a intensidade da sua influência, o respeito à sua autoridade e a participação em seu funcionamento, percebemos que estamos em um período desafiador para o futuro da humanidade.

A discussão no *podcast* é realizada a partir das preocupações sobre o papel da educação frente a esse processo civilizatório contemporâneo. Os autores debatem a respeito de uma proposta de compreensão da realidade por meio de uma equação civilizatória, idealizada por Bazzo (2016; 2019). A equação civilizatória seria uma ferramenta para identificarmos as variáveis contemporâneas que abarcam questões técnicas e humanas, bem como o desenvolvimento tecnocientífico em diferentes graus, de modo a trazer à tona os desafios humanitários mais urgentes que nosso mundo enfrenta, portanto, em busca de compreender a realidade. Temos como premissa que é fundamental identificar as variáveis contemporâneas e buscar compreender, por meio delas, como funciona a sociedade para, assim, poder questioná-la e, assim, alcançar uma sociedade que garanta, no mínimo, os princípios de dignidade humana.

Ao discutir sobre a equação civilizatória, pretende-se atingir uma categoria de análise que o leve a compreender, ou ao menos problematizar a realidade e, assim, questionar a sociedade, por meio dos conhecimentos específicos de cada área, ampliados com leituras



contemporâneas.

Vivemos em uma época de perturbações e incertezas que exigem consciência social. Nela, a educação deve se fazer presente com o propósito de desvelar as questões sociais emergentes e provocar a intervenção solidária e humana. Assumir uma postura crítica na educação exige aprendizado constante e permanente transformação. Essa é nossa tarefa enquanto educadores. Temos muitos obstáculos e limites a serem enfrentados, mas se soubermos para onde queremos ir, escolheremos com mais clareza o caminho a ser percorrido.

PARA SABER MAIS



BAZZO, W. A. Ponto de Ruptura Civilizatória: a Pertinência de uma Educação “Desobediente”. Revista CTS, n. 33, v. 11. set. 2016, pp. 73-91.

MACHADO, Maria Margarida. Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, pp. 161-174, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

SANTOS, A. P. B. R.Q.; SANTOS, E. G. dos. **A influência de Paulo Freire no processo de ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos** - Link para acesso: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-influencia-paulo-freire-no-processo-ensino-aprendizagem-educacao-jovens-adultos.htm>



SÍNTESE DO MÓDULO



Neste módulo, refletimos sobre o “ser docente” na EJA, a importância de conhecermos o contexto em que a EJA está inserida, para assim, identificarmos os sujeitos, suas trajetórias e buscas. Proporcionamos momentos de reflexão sobre a importância de enxergar o educador e o educando como sujeitos socioculturais, com seus múltiplos laços de pertencimento, sobre experiências de ensinar e aprender, bem como sobre a necessidade de acolhimento e de uma relação dialógica entre educador e educando. Nesse sentido, compreendemos que os educandos não são sujeitos passivos, mas agentes e atores do processo de aprendizagem. Por fim, apresentamos reflexões sobre as contribuições de Paulo Freire para a EJA, nas quais o autor pontua sobre a importância de indagar e problematizar a realidade, transformando os obstáculos em elementos de reflexão. E assim, apresentamos provocações acerca dos desafios do professor para a contemporaneidade. Compreendemos que ser professor na EJA é estar imerso em questões sociais e culturais, numa relação dialógica entre os sujeitos, cuja a identificação do jovem e do adulto resulta também na identificação de suas trajetórias e no protagonismo social e cultural. Com isso, os desafios e as perspectivas para os docentes se ampliam, diante da realidade enfrentada no cotidiano escolar da EJA.



AValiação

Como forma de registro de sua participação e interação neste módulo, elabore um texto com o tema "O ser docente na EJA", explorando a prática educativa na Educação de Jovens e Adultos, a partir dos textos, videoaulas, *podcast* e discussões realizadas neste módulo. O texto deverá ter no mínimo uma lauda e ser postado na plataforma Moodle.



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio. (Org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. pp. 17-32.

BAZZO, Walter A. De técnico e de humano: questões contemporâneas. 3. ed. atual., ampl. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2019.

CAIERÃO, Iara de; BRUSTOLIN, Rosane K. O educador da EJA como sujeito sociocultural. In: Caderno de EJA / org. Nilda Stecanela. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013, 138 p.

CIVIERO, Paula A.G.; BAZZO, Walter A.; VELHO, Ricardo S. O processo civilizatório e os desafios contemporâneos. *Podcast: Estou viciado*, Episódio 3, 2020. Disponível em <<https://castbox.fm/vb/292628771>> Acesso em 20 de maio de 2021.

FORA DE SÉRIE. Observatório Jovem. UFF, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <<https://vimeo.com/257750339>> Acesso em 20 de maio de 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 2011.

PASSOS, Gisele de A. L. dos; CARDOSO, Marcélia A. Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente. Revista Educação Pública, edição V. 16. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/25/reflexes-sobre-a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-a-formacao-docente>. Acesso em 21 de maio de 2021.



MÓDULO 05



CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EJA-EPT)



Ementa: Teorias do Currículo. Currículo e EPT. Organização curricular para os sujeitos da EJA-EPT. Propostas de práticas pedagógicas para a EJA-EPT.

Caro cursista, bem-vindo(a)!

Neste módulo, iniciaremos a partir dos estudos sobre as teorias do currículo. Aproveite esta jornada do conhecimento.



TEORIAS DO CURRÍCULO

O objetivo desta seção é fazermos uma reflexão sobre as Teorias do Currículo, assistir a um vídeo envolvendo o assunto e, com base nesse estudo, responder a um questionário.

Neste módulo, Tomaz Tadeu da Silva nos faz refletir sobre sua visão acerca do tema em questão. Então, o que é uma teoria do currículo?

A teoria é uma representação, uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade que - cronologicamente, ontologicamente - a precede. Assim, para já entrar no nosso tema uma teoria do currículo começaria por supor que existe 'lá fora', esperando para ser descoberta, descrita e explicada uma coisa chamada 'currículo'. O currículo seria um objeto que precederia a teoria, a qual só entraria em cena para descobri-lo, descrevê-lo, explicá-lo (SILVA, 2010, p. 11).

O mesmo autor ainda afirma que a teoria não se limita a explicar a realidade, pois a mesma estaria inevitavelmente implícita na sua produção. O produto da sua criação é, a princípio, o seu objeto.



Provavelmente, o que nos interessa não é uma explicação do conceito de currículo, mas identificar indagações que uma teoria do currículo procura refutar. Transitando por diferentes ideias de currículo, podemos nos perguntar sobre que questionamentos ela procura decifrar. Essa não responde somente às perguntas habituais, mas quais indagações singulares definem as diversas teorias do currículo? E como essas questões definem suas diferentes teorias?

O ponto principal, que é referência para qualquer teoria do currículo, é identificar que tipo de saber deverá ser ensinado, mais diretamente, o quê deverá ser ensinado. Buscando responder tal questionamento, as diversas teorias podem partir de debates acerca da natureza humana, da aprendizagem, da cultura e da sociedade. Essas teorias distinguem-se até mesmo pela importância que dão a cada um desses tópicos. Em suma, elas apontam para uma simples questão: de que tipo de aprendizado os estudantes necessitam? Que tipo de conhecimento terá maior importância para fazer jus a parte do currículo?

Subsequente a essa escolha, tenta-se argumentar sobre o motivo da seleção desses conhecimentos e não de outros. “Nas teorias do currículo, entretanto, a pergunta ‘o quê?’ nunca está separada de uma outra importante pergunta: ‘o que eles(as) devem ser?’ ou, melhor, o que eles(as) devem se tornar?” (SILVA, 2010, p. 11).

De acordo com o autor, as teorias do currículo não só buscam responder “o quê?”, mas também “o que os aprendizes devem se tornar?”, preocupando-se com o que será inserido no currículo, a fim de saber o que se deseja devolver para sociedade. Percebe-se que essa pergunta é posterior ao questionamento sobre o que deve ser ensinado, visto que as teorias do currículo baseiam-se em qual saber é estipulado como significante, partindo-se do modelo de ser humano conceituado como padrão. O modelo de currículo dependerá do tipo de sujeito que se pretende formar para sociedade.

Fundamentalmente, as teorias do currículo são uma questão de identidade. Pensando em teorias atuais quando nos referimos a currículo, destacamos apenas o conhecimento em si, não levando em consideração que o conhecimento que concebe o currículo está essencialmente ligado naquilo que somos. Dessa forma, o currículo também está relacionado a nossa identidade.

Da perspectiva pós-estruturalista, podemos dizer que o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, não podem deixar de estar envolvidas em questões de poder. Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder (SILVA, 2010, p. 16).

Propriamente, quando nos referimos ao poder, dividimos as teorias do currículo em



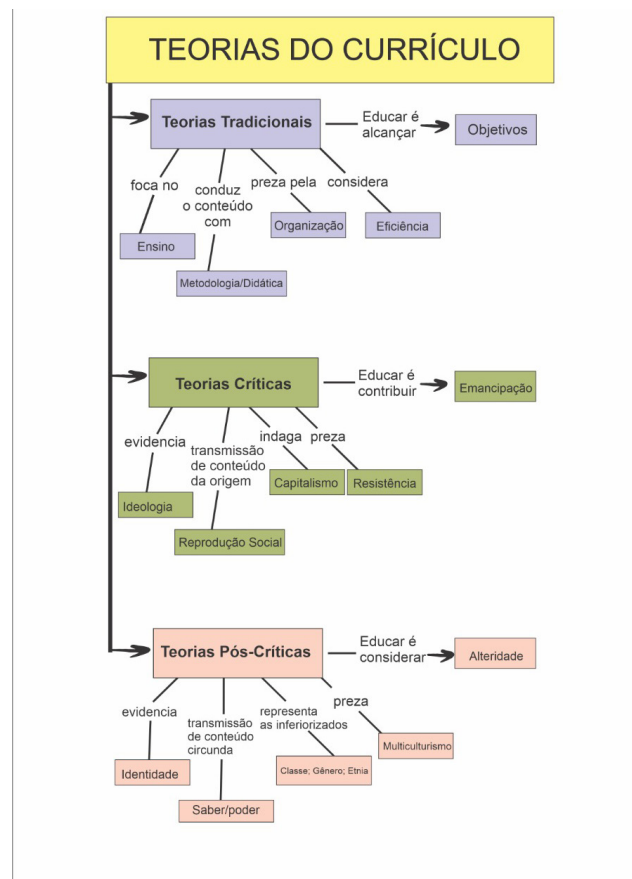
tradicionais, críticas e pós-críticas. As teorias tradicionais têm em sua identidade teorias científicas, enquanto as teorias críticas e pós-críticas alegam que qualquer teoria envolve, obrigatoriamente, ações de poder, não ficando apenas na neutralidade.

As teorias críticas e pós-críticas não se atêm a questionar sobre o quê deve ser ensinado, mas também sobre o por quê deve ser ensinado. Nessas teorias, são comuns questionamentos do tipo: por que foi feita a escolha deste conhecimento ao invés do outro? Por que devo privilegiar a identidade ou a subjetividade neste currículo?

Podemos perceber que uma teoria se estabelece pelos conceitos utilizados para construir a realidade.

(...) uma forma útil de distinguirmos as diferentes teorias do currículo é através do exame dos diferentes conceitos que elas empregam. Neste sentido, as teorias críticas de currículo, ao deslocar a ênfase dos conceitos simplesmente pedagógicos de ensino e aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder, por exemplo, nos permitiram ver a educação de uma nova perspectiva (SILVA, 2010, p. 17).

Figura - A relação das Teorias do Currículo com base em Breno Mendes, 2020



Fonte: Os autores (2021)



Agora, assista ao vídeo *Projeto Curricular Integrado na EPT e suas Transversalidades* (até os 10'51"), disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=HPrKTOpMHSs>. Fique atento, pois algumas perguntas serão feitas relacionadas ao vídeo. Este questionário estará disponível no ambiente virtual Moodle e, juntamente com a atividade realizada no último tópico, fará parte da sua avaliação neste Módulo 5.

PARA REFLEXÃO



1. As teorias do currículo abrangem todas as teorias que descrevem o currículo?
 - (a) SIM
 - (b) NÃO
2. Está correta a afirmação "as teorias do currículo estão situadas num campo 'puramente' epistemológico de competição entre as diferentes teorias."?
 - (a) SIM
 - (b) NÃO
3. Está correto afirmar que as teorias do currículo podem ser tradicionais, críticas ou pós-críticas.
 - (a) SIM
 - (b) NÃO

CURRÍCULO E EPT

Neste item sobre currículo e EPT é importante retomarmos alguns conceitos que circundam nosso curso, um deles é o de integração. Ciavatta (2005, p. 84), citado por Silva (2014), afirma que: "No caso da formação integrada ou do ensino médio integrado ao ensino técnico, queremos que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos



os campos onde se dá a preparação para o trabalho”.

Outra definição importante é a da politecnia. Para Silva (2014), politecnia é um conceito que tem sido trabalhado principalmente por autores ligados ao campo da Educação e Trabalho, está associada a uma perspectiva de Educação Integrada e tem sido usada como contraponto à pedagogia das competências.

Importante salientar as influências sobre o currículo integrado, conforme demonstrado nesta Figura de Silva (2014).

Figura - Influências sobre o currículo integrado



Fonte: Silva (2014)

Para completar nosso item, faremos a leitura do artigo *Práticas pedagógicas e ensino integrado*, dos autores Ronaldo Marcos de Lima Araujo (2015), da Universidade Federal do Pará, e Gaudêncio Frigotto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Nesse artigo, os autores nos fazem refletir sobre a relação do currículo e EPT e os procedimentos de ensino que favorecem a integração. <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/7956/5723> (link do artigo). Acesse o arquivo e boa leitura!

PARA SABER MAIS



Filme “Entre os muros da escola” (2008): <https://gloria.tv/post/MKknke-XCp3UX2Y8V38YSWYw8D>

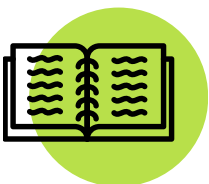
Comentários sobre o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=q1IPrCL7MN0>

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR PARA OS SUJEITOS DA EJA-EPT

Neste item sobre a organização curricular para os sujeitos da EJA-EPT, vamos iniciar com a pergunta trazida por Murta (2004): “Que tipo de sociedade queremos ajudar a construir? Que formação pretendemos/desejamos para as crianças e jovens sob nossa responsabilidade? Que educação acreditamos ser capaz de contribuir para essa formação?”.

Contribuindo com o tema, no artigo das autoras Vilar e Anjos (2014), na seção que nos faz refletir sobre um currículo orientado para a EJA, as autoras descrevem como a organização do currículo traz as questões inerentes ao que se ensina na escola.

PARA SABER MAIS



Acesse o artigo na sua versão completa em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/19412/10757>;



Leia também o capítulo 1, páginas 24 a 28, seção 2, do E-book: Cadernos de EJA 3 - Ler e Escrever na Educação de Jovens e Adultos: Práticas Interdisciplinares - Organizador(a): Nilda Stecanela <https://www.ucs.br/educs/livro/cadernos-de-eja-3-ler-e-escrever-na-educacao-de-jovens-e-adultos-praticas-interdisciplinares/>



PROPOSTAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA EJA-EPT

As reflexões trazidas até aqui sobre a Educação de Jovens e Adultos vêm respaldar a nossa forma de pensar sobre a história, os sujeitos, a necessidade da formação docente e o currículo proposto nesta modalidade de ensino. Passado este percurso, já não é mais possível pensar a organização do trabalho pedagógico da EJA-EPT e ao mesmo tempo propor e executar práticas pedagógicas como meros *pacotes* (GARCIA; SILVA, 2018).

Partimos de um princípio em que se acredita na possibilidade de fazer o ensino na EJA, na sua dimensão escolar, estar em consonância com uma concepção ampla de educação, voltada para o desenvolvimento da emancipação ao longo de toda a vida, na qual educandos e educadores assumem o processo educativo como uma filosofia de vida, em que estão envolvidos princípios como os que se seguem:

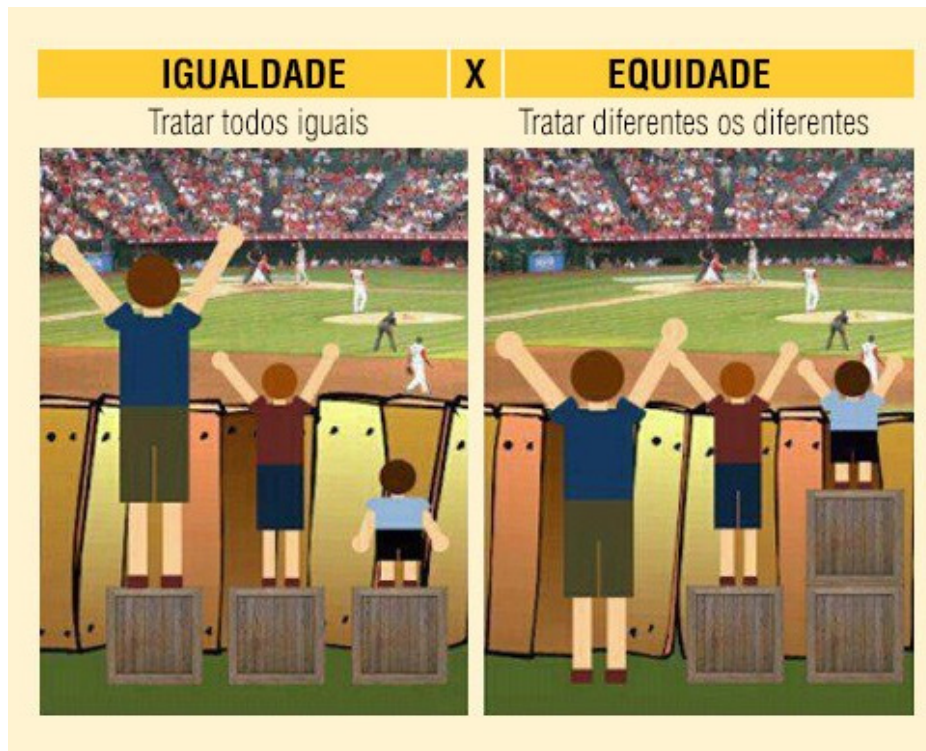
- produção do conhecimento, nas práticas da EJA, a partir da aproximação crítica da realidade;
- metodologia da produção do conhecimento, nas experiências da EJA, privilegiando as relações dialógicas, numa perspectiva dialética;
- conteúdos e formas de avaliação na EJA, definidos a partir da realidade;
- processo educativo vivenciado pelos seus atores sociais, como prática política explícita e voltada às maiorias excluídas.

A diversidade dos ambientes de ensino e dos recursos didáticos disponíveis, bem como as especificidades de cada discente e da organização social da comunidade escolar deverão ser parâmetros determinantes nas tomadas de decisão dos docentes em suas práticas, visto a importância de todos para o processo de ensino e aprendizagem. Refletir especificamente como pensam e aprendem sujeitos dotados de particularidades, faz parte desse desafio, que é a educação.

PARA PENSAR

Observe a imagem a seguir. Como é esta sala de aula? Como você explica a postura do docente frente à disposição dos estudantes nas duas situações?





Fonte: <http://intra.serpro.gov.br/tema/artigos-opinioes/quem-precisa-de-equidade>

Não basta, também, pensar nos estudantes da EJA apenas como adultos que não aprenderam ou não tiveram acesso à escola, no tempo considerado correto. É preciso considerar os lugares que ocupam, as histórias que trazem e as expectativas que carregam para articulá-las a uma leitura política de nossa realidade (GARCIA; SILVA, 2018).

Outro aspecto a mencionar sobre a organização do trabalho pedagógico da EJA-EPT diz respeito à necessidade de assumirmos uma postura mais crítica e oposta à hegemonia do conhecimento na qual se acredita que só o docente domina, sabe e transmite conhecimentos, e que o estudante é apenas o consumidor passivo, que precisará provar, por meio de avaliações, o que realmente aprendeu. Partindo dessa visão e da busca pelo exercício do protagonismo tanto dos educandos como dos educadores, traremos as reflexões quanto às práticas pedagógicas da EJA-EPT.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

A prática educativa, ou seja, como ensinar, trata das relações interativas na classe, do papel do professor e dos estudantes, da distribuição do tempo e da organização dos conteúdos (ZABALA, 2014). Entender a intervenção pedagógica exige situar-se num modelo de aula configurado por Zabala (2014), “como um microsistema”, definido pelos diversos fatores já citados, em que os processos educativos se explicam como elementos estreitamente



integrados no sistema de ensino. Assim, tudo o que ocorre no ambiente de ensino só pode ser investigado pela própria interação de todos os elementos que nele intervêm. Valorizar e respeitar as diferenças na Educação de Jovens e Adultos é essencial para que os educandos reconstruam suas trajetórias de escolarização, ressignificando as marcas e os percalços de uma escola que uniformiza a todos.

Vale recomendar que os professores conheçam previamente o projeto político-pedagógico da sua escola de atuação e a proposta curricular, que deve incluir a Educação de Jovens e Adultos e as especificidades dessa modalidade educativa, para dar continuidade às próximas etapas da nossa reflexão. A partir desse estudo e da observação investigativa, considerando Garcia e Silva (2018), responda às perguntas a seguir:

PERGUNTE-SE:

- 1) A escola em que você trabalha situa-se onde? Em um grande centro urbano? Em uma periferia ou está localizada em uma zona rural?
- 2) O que rodeia sua escola?
- 3) Como é a comunidade na qual a escola em que você trabalha está inserida?
- 4) Quem são os alunos dessa escola?

O acesso a essas respostas é de suma importância para o processo educativo e serve de guia para a nossa próxima etapa de discussão, que tratará sobre o planejamento das práticas pedagógicas. Segundo Antoni Zabala:

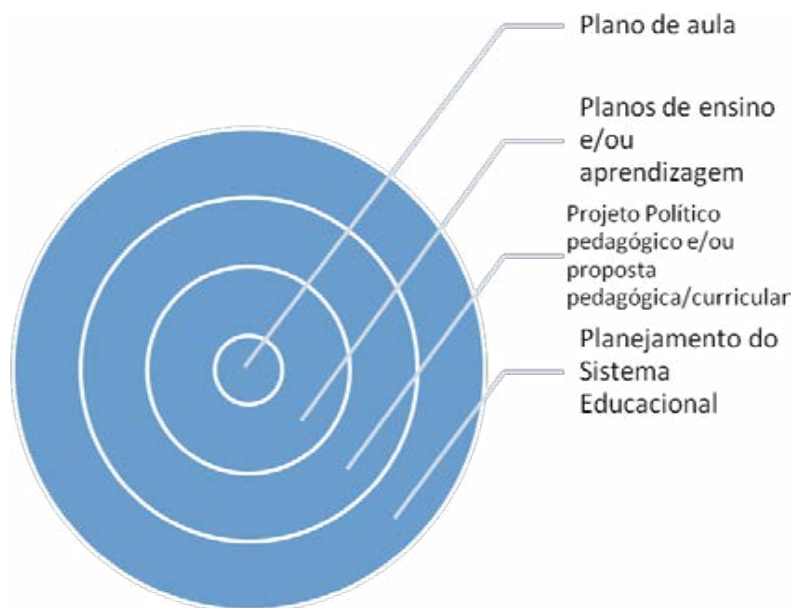
A intervenção pedagógica tem um antes e um depois que constituem as peças substanciais em toda prática educacional. O planejamento e a avaliação dos processos educacionais são uma parte inseparável da atuação docente, já que o que acontece nas aulas, a própria intervenção pedagógica, nunca pode ser entendida sem uma análise que leve em conta as intenções, as previsões, as expectativas e a avaliação dos resultados. Por pouco explícitos que sejam os processos de planejamento prévio ou os de avaliação da intervenção pedagógica, esta não pode ser analisada sem ser observada dinamicamente desde um modelo de percepção da realidade da aula, onde estão estreitamente vinculados o planejamento, a aplicação e a avaliação (ZABALA, 2014, p. 17).

No planejamento das práticas pedagógicas é necessário definir as finalidades e os objetivos da educação, sejam eles explícitos ou não. Os grandes propósitos estabelecidos nos objetivos educacionais são úteis para estruturar as aulas e também para realizar a análise crítica do processo de ensino ao longo do período planejado.

Convém distinguirmos, ainda, segundo Luck (2008), os conceitos de planejamento, plano e projeto (GARCIA; SILVA, 2018):

- Planejamento – é um processo ou dinâmica mental que compreende a própria ação de planejar.
- Plano – consiste na descrição de tudo o que será desenvolvido, como resultado do planejamento. O plano abrange um período maior e especifica todas as etapas. Pode ser anual, por unidades, semanal ou por aula.
- Projeto – Também consiste em uma descrição resultante do planejamento e pressupõe o desenvolvimento de planos. Os projetos são eventuais, possuem um tempo limitado e podem ser estruturados em unidades, bimestres, semestres ou até mesmo anuais.

A seguir, também apresentamos uma figura que mostra os níveis de planejamento e como estes se concretizam nas salas de aula (GARCIA; SILVA, 2018).



Fonte: GARCIA e SILVA (2018).

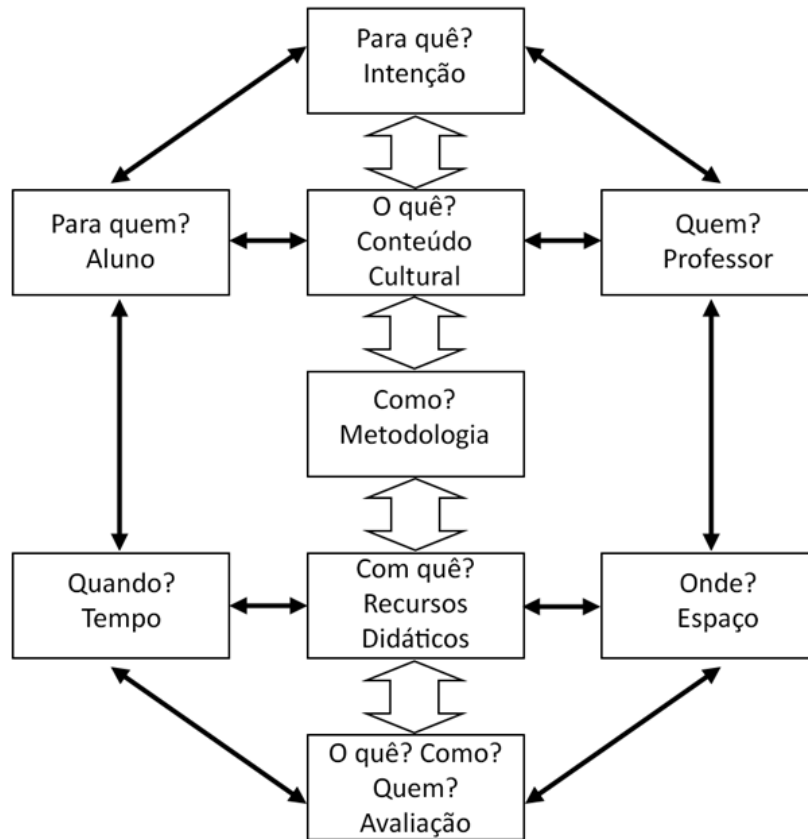
Segundo autores como Luck (2008), Libâneo (1990) e Vasconcellos (2008), todo planejamento deve apresentar os seguintes elementos (GARCIA; SILVA, 2018):

- Objetivos (específicos e gerais).
- Conteúdos de ensino que podem ser: conceituais, factuais, procedimentais e atitudinais.
- Procedimentos metodológicos.
- Recursos de ensino.



- Avaliação (instrumentos e critérios).

De acordo com Veiga (2008), toda a organização da aula envolve uma série de indagações e questionamentos que darão origem aos elementos colaborativos para a organização didática da aula. São eles:



Fonte: VEIGA (2008)

Podemos detalhar cada um desses elementos, conforme a seguir (GARCIA; SILVA, 2018):

a. Objetivos (Para quê?) - Os objetivos vão caracterizar a intenção do ensino. Neles, devem ser consideradas as capacidades cognitivas, afetivas, procedimentais, atitudinais, psicomotoras e outras. Como critérios para delimitação dos objetivos, deve-se atender a coerência interna, a relação entre os objetivos gerais e específicos, a contextualização e a relevância social.

b. Conteúdo (O quê?) - É mais que uma seleção de conhecimentos que não representa um fim em si mesma, mas um veículo para o desenvolvimento de habilidades e competências. Os conteúdos representam uma escolha relevante e significativa dos saberes culturais de uma sociedade, que devem ser adequados às características cognitivas, afetivas e sociais dos estudantes, além de apresentar uma conexão entre os conteúdos já aprendidos e os novos.



c. Metodologia ou procedimentos metodológicos (Como?) - O método de ensino caracteriza-se por meio de uma variedade de técnicas, não sendo único e nem um caminho linear. Essas técnicas de ensino devem ser utilizadas de forma consciente e permeadas pela intencionalidade.

d. Recursos didáticos (Com quê?) - Os recursos didáticos podem ser visuais, auditivos ou audiovisuais e podem se adequar aos objetivos do professor e às capacidades e necessidades dos estudantes, oferecendo alternativas de ensino e aprendizagens.

e. Avaliação (O quê? Como? Quem?) - É um processo pedagógico integrado no ensino e na aprendizagem. O processo avaliativo objetiva a melhoria das aprendizagens e pressupõe uma partilha de responsabilidades entre professores e estudantes, como: comunicação, organização e *feedback*. Ressalta-se a importância da avaliação formativa, sem descartar as modalidades diagnóstica e somativa.

Para Zabala (1998), o ato de ensinar “envolve estabelecer uma série de relações que devem conduzir à elaboração, por parte do aprendiz, de representações pessoais sobre o conteúdo objeto de aprendizagem”. Segundo o autor, há algumas ações dos professores que podem estabelecer relações interativas em sala de aula e que ajudarão a facilitar os processos de ensino e de aprendizagens. Garcia e Silva (2018) destacam:

a) Contar com as contribuições e os conhecimentos dos estudantes.

- Garantir que os estudantes tenham oportunidade de expressar suas ideias e conhecimentos prévios.
- Gerar um ambiente que propicie o diálogo e a participação dos estudantes, ganhando a confiança a partir do respeito mútuo.
- Promover atividades que possibilitem debater, formular questões e atualizar o conhecimento.

b) Ajudar os estudantes a encontrar sentido no que fazem.

- Conhecer as atividades que irão desenvolver e também o motivo dessas.
- Comunicar os objetivos das atividades aos estudantes.
- Ajudar a tomar consciência dos próprios interesses e buscar o interesse geral.

c) Estabelecer metas ao alcance dos estudantes.

- Propor atividades que representem desafios e que ajudem os estudantes a avançar, mas que estejam ao seu alcance.



- Adequar as propostas às possibilidades reais dos estudantes.

d) Promover e desenvolver canais de comunicação entre todos os sujeitos envolvidos no processo educativo, garantindo a participação de todos.

- Estabelecer canais fluentes de comunicação, aceitando a contribuição dos estudantes, mesmo que utilizem uma linguagem coloquial.
- Proporcionar atividades comunicacionais que fomentem o processo didático.

e) Potencializar a autonomia dos estudantes.

- Oportunizar situações em que os estudantes participem mais intensamente na resolução de atividades.
- Favorecer a metacognição.

Com base no que estamos desenvolvendo e refletindo é importante registrarmos que a prática do planejamento contribui ainda para o fazer e o aprender do docente. O fazer docência na EJA-EPT nos convida a ressignificar o ensino, a compartilhar a prática democrática, a refletir, a contrariar, a explorar reflexões, a saber relacionar-se e a nutrir a convivência crítica e criativa com o poder.

ARTICULAÇÃO TEORIA-PRÁTICA

Após a definição dos objetivos e conteúdos a serem trabalhados por um período pré-determinado, o docente usualmente dedica-se à produção e execução das aulas. Reconhecemos o quão desafiante é a elaboração e sistematização de metodologias e materiais adequados ao trabalho com o público da EJA. Mas, afinal, o que seria da vida sem desafios? A seguir, aprofundaremos a nossa discussão sobre metodologias, recursos didáticos e formas de avaliação, que podem ser possibilidades de escolha na produção do ensino e aprendizagem na EJA-EPT.

a) Metodologias:

Na escola, os conteúdos são tradicionalmente apresentados em sala de aula separadamente, mesmo que tenham maior potencialidade de uso e de compreensão quanto mais relacionados estiverem entre si. Em busca de um processo de ensino eficaz, que resulte em uma aprendizagem efetiva na EJA-EPT, nos apoiaremos em uma metodologia que preza pelo ensino globalizado. Os métodos globalizadores influenciaram não só as teorias de Decroly (1871-1932) e Kilpatrick (1871-1965), mas também de Zabala e outros autores que trabalham com essa modalidade na atualidade. Nessa metodologia, as disciplinas se integram e os



conteúdos selecionados são aqueles que os professores julgam apresentar maior utilidade para os educandos, não sendo fragmentados, ou seja, possuem uma sequência lógica e estruturada, sempre de acordo com as condições cognitivas de cada idade.

PERGUNTE-SE:

- 1) Quais são os critérios que se utilizam para organizar os conteúdos em cada unidade didática?
- 2) Que motivos justificam uma seleção e uma distribuição determinada de temas?

ZABALA (2014)

A organização compartimentada de conteúdos segue um percurso de ensino fixo em cada disciplina, seja ela matemática, química, língua portuguesa, música, etc., sem estabelecer relações entre os conteúdos das diversas matérias. A proposta de uma metodologia globalizadora busca romper com esta organização por unidades centradas exclusivamente numa cadeira ou disciplina, estabelecendo vínculo entre as diferentes áreas do saber.

Nos métodos globalizados, as unidades didáticas dificilmente são classificadas e os conteúdos passam de uma matéria para outra sem perder a continuidade, ou seja, uma atividade que aparentemente é de matemática segue para outra que é de ciências naturais e, a seguir, uma que poderíamos classificar como de estudos sociais ou de educação artística.

Nestas propostas, o valor dos diferentes conteúdos disciplinares está condicionado sempre pelos objetivos que se pretendem. O alvo e o referencial organizador fundamental é o aluno e suas necessidades educativas. As disciplinas têm um valor subsidiário, a relevância dos conteúdos de aprendizagem está em função da potencialidade formativa e não apenas da importância disciplinar (ZABALA, 2014, grifo nosso, p. 142).

Segundo Zabala (2014), diversas metodologias de ensino podem ser consideradas globalizadoras: os centros de interesse de Decroly, o sistema de complexos da escola de trabalho soviética, os complexos de interesse de Freinet, o sistema de projeto de Kilpatrick, o estudo do meio do Movimento de Cooperazione Educativa de Italia (MCE), o currículo experimental de Taba, o trabalho por tópicos, os projetos de trabalho, etc.

- Os centros de interesse de Decroly, os quais, partindo de um núcleo temático motivador para o estudante e seguindo o processo de observação, associação e expressão,



integram diferentes áreas do conhecimento.

- O método de projetos de Kilpatrick, que basicamente consiste na elaboração e produção de algum objeto ou montagem (uma máquina, um audiovisual, um viveiro, uma horta escolar, um jornal, etc.).
- O estudo do meio do MCE, que propõe a construção do conhecimento por meio da sequência do método científico (problema, hipótese e experimentação).
- Os projetos de trabalho globais, em que, com a finalidade de conhecer um tema, elabora-se um dossiê como resultado de uma pesquisa pessoal ou em equipe.

	Centros de interesse	Projetos	Investigação do meio	Projetos de trabalho
Ponto de partida intenção	Situação real Tema a ser conhecido	Situação real Projeto a ser realizado	Situação real Perguntas ou questões	Situação real Elaboração dossiê
Fase	Observação Associação <ul style="list-style-type: none">• Espaço• Tempo• Tecnologia• Causalidade Expressão	Intenção Preparação Execução Avaliação	Motivação Perguntas Suposições ou hipóteses Medidas de informação Coleta de dados Seleção e classificação Conclusões Expressão e comunicação	Escolha do tema Planejamento Busca de informação Sistematização da informação Desenvolvimento do índice Avaliação Novas perspectivas

Fonte: GARCIA e SILVA (2018)

Todos os sistemas apresentados na tabela acima partem de uma situação real: conhecer um tema, realizar um projeto, resolver certas interrogações e elaborar um dossiê (coleção de documentos, pastas ou arquivos sobre um determinado assunto, instituição, etc.). A diferença fundamental entre eles está na intenção do trabalho a ser realizado e nas fases que devem ser cumpridas (ZABALA, 2014).

b) Materiais didáticos:

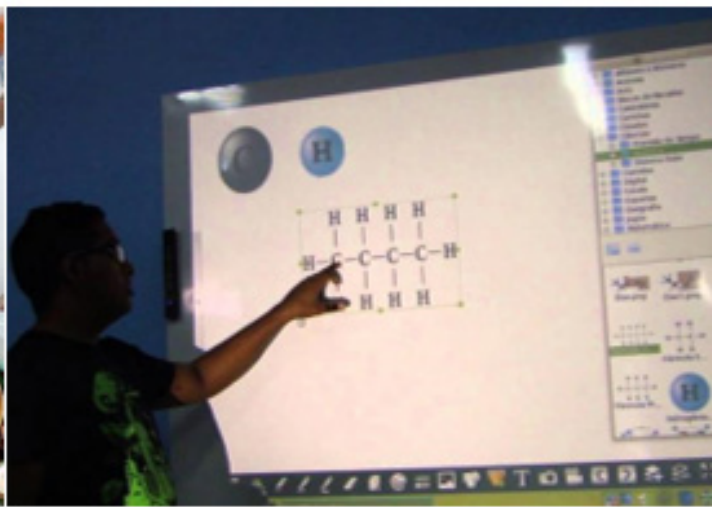
Entendemos por materiais didático-pedagógicos os recursos que o professor pode utilizar para mediar, articular, dinamizar e até otimizar as aprendizagens. Sendo assim, o uso de todo e qualquer material em sala de aula demanda fazer escolhas adequadas. A seleção de

um determinado material para uso em sala de aula está diretamente relacionada às especificidades dos conhecimentos/ conteúdos a serem trabalhados e vinculada aos propósitos educacionais, aos objetivos curriculares e às características e necessidades de aprendizagens dos estudantes. Tais escolhas poderão apontar para a utilização de materiais diversos, desde os mais facilmente encontrados, como sucatas, até os mais modernos e sofisticados, como as lousas digitais interativas. Todos esses recursos podem contribuir para que os estudantes aprendam (GARCIA; SILVA, 2018)..

Sucata



Lousa digital interativa



Fonte: <http://americasucatas.com.br>, Fonte: <http://www.projeto delta.com.br>

O que irá determinar a qualidade de certo material em sala de aula será o uso que faremos dele. Assim, é importante termos claro quais são os objetivos a serem alcançados quando formos escolher o material, sem esquecermos de quem são nossos estudantes. Utilizar determinados materiais pode contribuir para que os estudantes estabeleçam relações entre as situações vivenciadas e os conceitos trabalhados, por meio da manipulação ou da visualização de tais materiais, pois, de acordo com Pais (2006), a utilização de certos materiais desenvolve o pensamento abstrato e propicia ao estudante a elaboração de conceitos em diferentes níveis (GARCIA; SILVA, 2018).

Os materiais didático-pedagógicos podem também despertar nos estudantes da EJA interesse pela temática estudada e contribuir para que se sintam motivados a estudar e a continuar frequentando a escola. Isso, sem dúvida, torna as aulas mais agradáveis, atrativas e dinâmicas. Além disso, os materiais didático-pedagógicos, conforme Pilleti (2006), citado por Garcia e Silva (2018), contribuem para:

- a) motivar e despertar o interesse dos estudantes;



- b) favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação;
- c) aproximar o estudantes da realidade;
- d) visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem;
- e) oferecer dados e informações;
- f) permitir a fixação da aprendizagem;
- g) ilustrar noções mais abstratas;
- h) desenvolver a experimentação concreta.

Ao inserirmos determinado material didático-pedagógico em nosso plano de aula, devemos considerar que ele precisa (GARCIA; SILVA, 2018):

- atender à diversidade na sala de aula;
- favorecer a interação e a cooperação entre os estudantes;
- contribuir para a construção da autonomia intelectual dos estudantes.

A partir desse pensamento, eis alguns dos recursos didático-pedagógicos os quais podemos utilizar (GARCIA; SILVA, 2018):

• cartazes • computador • projetor multimídia • desenhos • filme • flanelógrafo • folders • murais • gráficos • gravador • gravuras • histórias em quadrinhos • ilustrações • jornais • letreiros • livros • mapas • maquete • mostruário • mural didático • museus • quadro escolar • rádio • retroprojetor • revistas • slides • software educacional • televisão • textos •

Fonte: GARCIA; SILVA, 2018.

Entre os materiais citados, é importante destacar o papel dos textos na formação dos estudantes da EJA, pela possibilidade que dispensam de desenvolver o letramento dos estudantes, possibilitando-lhes, cada vez mais, condições de transitar com autonomia e desenvoltura na sociedade contemporânea (GARCIA; SILVA, 2018).

Veja alguns tipos e gêneros textuais que podemos incorporar aos nossos planos de aula (GARCIA; SILVA, 2018):



Textos descritivos	Textos narrativos	Textos dissertativo-argumentativos	Textos expositivos	Textos injuntivos
<ul style="list-style-type: none">• Diário• Relatos (viagens, históricos, etc.)• Biografia e autobiografia• Notícia• Currículo• Lista de compras• Cardápio• Anúncios de classificados	<ul style="list-style-type: none">• Romance• Novela• Crônica• Contos de Fada• Fábula• Cordel• Lendas	<ul style="list-style-type: none">• Editorial Jornalístico• Carta de opinião• Resenha• Artigo• Ensaio	<ul style="list-style-type: none">• Seminários• Palestras• Conferências• Entrevistas• Trabalhos acadêmicos• Enciclopédia• Verbetes de dicionários	<ul style="list-style-type: none">• Propaganda• Receita culinária• Bula de remédio• Manual de instruções• Regulamento• Textos prescritivos

Fonte: GARCIA e SILVA (2018)

O uso de materiais didático-pedagógicos enriquece, facilita e dinamiza o trabalho pedagógico, mas, acima de tudo, contribui para as aprendizagens dos estudantes, quando são utilizados de forma consciente pelo professor.

c) Avaliação:

A coerência apontada na relação objetivos-avaliação/conteúdos-método enquadra-se nas expectativas da “avaliação de que precisamos” que, conforme discute Villas Boas (2007), é aquela que tem como foco as aprendizagens do estudante, do professor e de todos os envolvidos no processo educativo. Nessa perspectiva, a avaliação busca abandonar a preocupação com as notas e com a simples ideia de aprovar ou reprovar. Seu objetivo principal é viabilizar as aprendizagens de todos os estudantes, sem perder o rigor e a seriedade. Os procedimentos e instrumentos avaliativos podem ser provas, seminários, entrevistas, portfólios, autoavaliação, avaliação por colegas, registros reflexivos, etc. (GARCIA; SILVA, 2018).

O levantamento de conhecimentos prévios ou o diagnóstico para a proposição de intervenções adequadas consiste em outra dimensão importante na avaliação em sala de aula, desenvolvida para promover as aprendizagens e que influenciará na construção dos planos de aula. Chamada de avaliação diagnóstica, esse tipo de intervenção é realizada a cada início dos processos de ensino e de aprendizagens, para identificar conhecimentos prévios do estudante e torná-los pontos de referência para toda a organização do trabalho pedagógico. Esse diagnóstico é tão relevante para o professor quanto ao próprio estudante, porque lhe confere informação acerca de seus conhecimentos, o convida a participar de suas aprendizagens e a



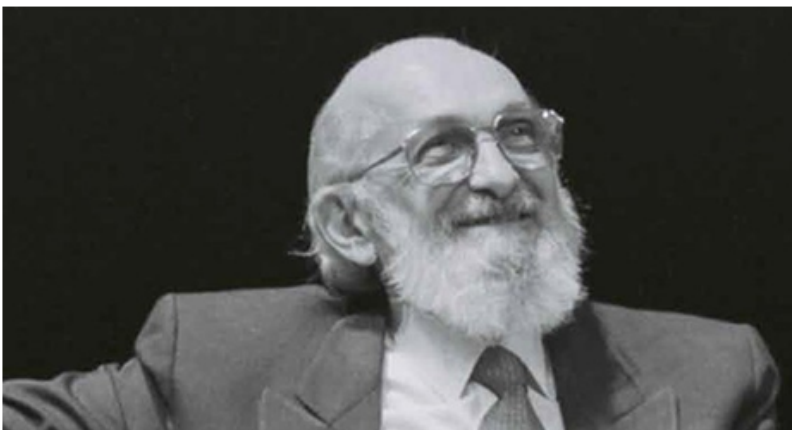
desenvolver uma autoavaliação, o que significa levá-lo a entender também que o conhecimento é construído a partir dos conhecimentos que ele já possui (GARCIA; SILVA, 2018).

A fim de contribuir para a construção de um plano de aula que considere as informações adquiridas para viabilizar as aprendizagens, algumas possibilidades de avaliação diagnóstica são apresentadas abaixo (GARCIA; SILVA, 2018):

- Observação diária, bem como o registro constante das situações mais relevantes.
- Conversa informal ou atividades escritas nas quais o estudante possa expressar expectativas e interesses.
- Textos de diferentes gêneros sobre os quais o estudante possa emitir sua opinião.
- Produções orais ou escritas nas quais o estudante expresse seus conhecimentos acerca dos conteúdos a serem trabalhados.

Vale ainda acrescentar que a avaliação formativa se vincula, de forma inseparável, à participação ativa dos estudantes em todas as atividades propostas em sala de aula, à prática do *feedback*, ao incentivo e à vivência da autoavaliação. Cria-se, assim, a oportunidade para que cada um compreenda e conheça suas potencialidades e perceba o que ainda precisa ser melhorado e aprendido, reconhecendo o processo como enriquecedor para suas aprendizagens.

Tal disposição da avaliação faz com que esse instrumento assuma o papel de aliado para a construção dos planejamentos e dos planos de aula, anulando sua faceta classificatória e excludente, favorecendo ao estudante o desenvolvimento da confiança, da autoestima, da autonomia e do espírito de responsabilidade acerca de suas próprias aprendizagens (GARCIA; SILVA, 2018).



O exercício do bom senso e da coerência conduz o professor a respeitar a autonomia, dignidade e identidade do educando (FREIRE, 1999).

Assim, ao reeducar os olhares, a formação e as práticas pedagógicas para a EJA, o professor precisa estar aberto para uma escuta mais personalizada tanto sobre sua práxis, quanto



sobre as necessidades da sua formação, e também estar disponível para ouvir os sujeitos com os quais vivencia o processo educativo.

PARA SABER MAIS

No *link* a seguir, você pode acessar livros didáticos para EJA-EPT.
https://edocente.educar.tech/pnld/?gclid=Cj0KCQiAnKeCBhDPARIsA-FDTLTKhCt9106Y7qXhIP_T2UedN3gM9F23fw9-vQ8w4BM6ps4NdLlw-67qgaAsoCEALw_wcB#



SÍNTESE DO MÓDULO



Iniciamos o Módulo 5, tratando a respeito das teorias do currículo, que tem o propósito de identificar o tipo de saber que será ensinado. As diversas teorias não buscam responder apenas sobre o que deve ser ensinado, mas também sobre quem os aprendizes devem se tornar. No que se refere ao currículo da EJA-EPT, avançamos no conhecimento sobre o currículo integrado e acompanhamos algumas práticas pedagógicas que favorecem essa integração. A prática educativa na EJA-EPT requer que o docente tome decisões. Há uma diversidade de ambientes de ensino, de recursos didáticos e de organização social da comunidade escolar, todos essenciais ao processo de ensino e aprendizagem. O planejamento das práticas pedagógicas é necessário para definir as finalidades e os objetivos da educação. Assim, encerramos o módulo articulando a teoria à prática do ensino, a fim de nortear as tomadas de decisão docente em sua atuação na EJA-EPT.



AVALIAÇÃO

Realizar a enquete indicada no início deste módulo e produzir um Plano de Aula para duas atividades diversificadas. Essas atividades serão postadas no Moodle, juntamente com as devidas instruções.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira da. Diversidade e Inclusão: reflexões (im)pertinentes. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 28. Reimp. São Paulo: Cortez, 2008.

LUCK, Heloísa. Planejamento em orientação educacional. 20.ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

MENDES, Breno. Ensino de História, Historiografia E Currículo De História. UERJ, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/49959/33223> Acessado em: 06 de maio de 2021.

PAIS, Luís Carlos. Ensinar e Aprender Matemática. São Paulo: Autêntica, 1º. Ed. 2006.

PILETTI, Claudino. Didática Geral. 23º Ed. São Paulo: Ática, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad Editora, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP: Papirus, 2008.

VILLAS BOAS, B. M. de F. De qual avaliação precisamos? Palestra ministrada aos alunos da disciplina Organização do Trabalho Pedagógico. Brasília, DF: UnB/FE, 13 março de 2007.

ZABALA, Antoni. A Prática educativa: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, Antoni. A Prática educativa: como ensinar. Versão impressa da obra de 1998. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Prezado educador,

Chegamos ao final desta jornada!

Neste percurso formativo, compreendemos a importância da EJA e da EJA-EPT para a construção da cidadania do educando. Ao refletir sobre os sujeitos da EJA, percebemos o quanto é fundamental desnaturalizar os estereótipos e preconceitos em relação ao estudante jovem e adulto que retorna à escola. Também entendemos que os sujeitos e as suas especificidades estão inscritos em um contexto de negação histórica da sua humanidade e, a partir desse reconhecimento, podemos desenvolver práticas pedagógicas que valorizem suas identidades, seus saberes e fazeres.



Refletimos sobre a relação da educação com o mundo do trabalho e com a lógica do modo de produção capitalista, intrinsecamente excludente e desigual. Em face disso, aprendemos que somente a educação não é capaz de resolver as contradições da sociedade, mas possui um papel imprescindível para a apreensão do legado cultural da humanidade em seu mais alto nível. Dessa forma, criam-se condições para a ampliação da consciência crítica e reflexiva dos sujeitos, bem como para a atuação política e contributiva na sociedade.

Por fim, abordamos a EJA com a Educação Profissional e Tecnológica (EJA-EPT), entendendo-a como um aporte *sine qua non* para a formação integral ou omnilateral, dentro de uma perspectiva de indissociabilidade entre teoria e prática, entre trabalho manual e intelectual. Com base nesse suporte teórico, esperamos que você, concluinte, tenha mais subsídios para refletir sobre o ser docente na EJA, sobre as práticas pedagógicas e as estratégias para o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes jovens e adultos.

Sim, chegamos ao final desta jornada, uma espécie de "Estreito de Gibraltar" no contexto das grandes navegações. Não somente um ponto de chegada, mas também de partida, que permite a busca por novos horizontes e desafios. Com base no que discutimos, refletimos e aprendemos, vislumbramos, à frente, o Oceano Atlântico, que guarda outros desafios e representações, os quais podem contribuir para a constituição de novos jeitos de ser e estar no mundo.

Equipe de elaboração.

ISBN: 978-65-87264-66-0

CBL



9 786587 264660



**INSTITUTO
FEDERAL**
Catarinense

